



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

AQUISIÇÃO DE *PERFECT* UNIVERSAL, RESULTATIVO E EXPERIENCIAL
ASSOCIADO AO PASSADO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

WINE COSTA DO NASCIMENTO

Rio de Janeiro
2024

WINE COSTA DO NASCIMENTO

AQUISIÇÃO DE *PERFECT* UNIVERSAL, RESULTATIVO E EXPERIENCIAL
ASSOCIADO AO PASSADO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Leitão Martins
Coorientadora: Ms. Érica Silva Rebouças

Rio de Janeiro
2024

FOLHA DE AVALIAÇÃO

WINE COSTA DO NASCIMENTO

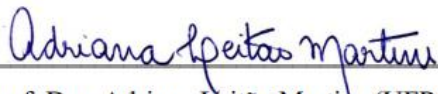
DRE: 119167111

AQUISIÇÃO DE *PERFECT* UNIVERSAL, RESULTATIVO E EXPERIENCIAL ASSOCIADO AO PASSADO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data da avaliação: 25/01/2024

Banca examinadora:



Prof. Dra. Adriana Leitão Martins (UFRJ) NOTA: 10,00





Ms. Érica Silva Rebouças (UFRJ) NOTA: 10,00

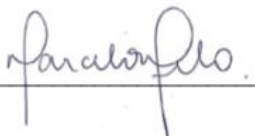


Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo (UFRJ) NOTA: 10,00

Assinaturas dos avaliadores:







FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

767a Nascimento, Wine Costa do
Aquisição de perfect universal, resultativo e
experiencial associado ao passado no português do
Brasil / Wine Costa do Nascimento. -- Rio de
Janeiro, 2024.
93 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins .
Coorientadora: Érica Silva Rebouças.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Inglês, 2024.

1. aquisição de linguagem. 2. aspecto . 3.
perfect. 4. passado. 5. português do Brasil . I.
Martins , Adriana Leitão, orient. II. Rebouças, Érica
Silva, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por acender a luz nas horas mais difíceis e ter me guiado até aqui.

Agradeço à minha mãezinha, por sempre me ensinar a ter coragem de enfrentar a vida. Sem ela, nada do que está neste trabalho seria possível.

Agradeço meu vózinho Rubem, por ainda ser o homem mais inteligente do mundo e por nunca ter desistido dos meus sonhos. É tudo por você. (*In memoriam*)

Gostaria de agradecer ao Matheus, por ser meu companheiro nos momentos mais turbulentos e enxergar o melhor que há em mim. Por me acalmar enquanto realizava essa pesquisa. Por me mostrar o lado bom das coisas em momentos em que só enxergo o contrário. Você tornou esse processo muito mais leve e suportável. Obrigada.

Agradeço meus amigos, por me ouvirem falar de *perfect* e de Chomsky durante esse processo. Em especial, agradeço à Fernanda, por ser minha parceira de choco-chilli, à Bia, por entender dos meus amores, à Isabella, pelos melhores conselhos. Principalmente, agradeço ao Rodrigo, sem você, esse ano teria sido completamente diferente. Obrigada por ser meu parceiro de tudo (mesmo). Sem as fofocas no mato e os almoços compartilhados com vocês esse processo teria sido muito mais difícil. Vocês alegraram todos os dias durante essa etapa e eu sou eternamente grata pela amizade de vocês.

Agradeço à minha orientadora, Adriana Leitão Martins, por me fazer ter mais paixão pela ciência. Obrigada por toda ajuda e contribuição para que esse trabalho pudesse ser feito com excelência. Ser orientada por você é chique demais. Agradeço também a Érica, minha co-orientadora, pela paciência durante esse processo e pelos infinitos áudios que me fizeram crescer enquanto pesquisadora. Não poderia deixar de agradecer a Amanda, por ser sempre tão gentil e me ajudar com todas as dúvidas.

Um agradecimento especial ao Prof. Marcelo Melo, pois na primeira aula de linguística que tive na faculdade você cativou em mim o amor por essa área. Sua paixão por ensinar muda pessoas e, com certeza, me mudou. Além disso, agradeço às mulheres que marcaram minha vida enquanto aluna de graduação: Carolina Serra, Michela Rosa Di Candia, Loise Soares e Silvia Rodrigues (nossa morfomami). Por causa de vocês, hoje sou uma professora melhor.

Por fim, agradeço a agência de fomento CNPq pela concessão da bolsa que me permitiu concluir esta pesquisa com dedicação.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito - por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.”

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

RESUMO

NASCIMENTO, W. C. **Aquisição de *perfect* universal, resultativo e experiencial associado ao passado no português do Brasil.** 2024. Xf. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a descrição do processo de aquisição do português do Brasil (PB). O objetivo específico é investigar a aquisição de *perfect* universal (PU), *perfect* experiencial (PEX) e *perfect* resultativo (PRes) associados ao passado no PB através da análise da emergência das realizações morfossintáticas desses tipos de *perfect* na produção infantil. Dessa maneira, busca-se responder questões como: (i) quais os tipos de *perfect* associados ao passado são mais utilizados na fala de crianças em processo de aquisição de linguagem?, (ii) quais as realizações morfossintáticas são primeiramente utilizadas para realizar esses tipos de *perfect* quando associados ao passado?, (iii) quais dessas realizações são mais comuns na produção de crianças falantes do PB? e (iv) quais tipos de *perfect* associado ao passado são primeiramente realizados na produção de crianças adquirindo o PB? A hipótese deste trabalho é a de que a emergência das realizações de *perfect* associado ao passado nessa língua se dá de acordo com a seguinte ordem: primeiramente, PRes, depois, PU e, finalmente, PEX. A metodologia utilizada foi a análise de dados longitudinais retirados da plataforma *CHILDES* de 7 crianças adquirindo o PB. A idade média de início das transcrições para essas crianças é de 5 anos e 2 meses e a idade média de fim é de 8 anos e 6 meses. Na amostra, foram verificadas as realizações verbais e adverbiais em contexto de veiculação de PU, PRes e PEX associados ao passado descritas em Sant'Anna (2021) para a produção adulta do PB. Constatou-se que o tipo de *perfect* mais realizado na amostra das crianças foi o PRes e que, para a realização de PU, a morfologia mais utilizada foi a de pretérito imperfeito e, para a realização de PRes e PEX, a de pretérito mais-que-perfeito composto. Os resultados não possibilitam a refutação ou confirmação de nossa hipótese, uma vez que os dados analisados revelam divergências significativas quanto ao primeiro tipo de *perfect* associado ao passado produzido por cada criança. Discute-se que os resultados quanto às morfologias mais empregadas na realização de PU, PRes e PEX corroboram os argumentos de Sant'Anna (2021) de que essas são as prototípicas para expressar cada um desses tipos de *perfect*.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aspecto; *perfect*; passado; português do Brasil.

ABSTRACT

NASCIMENTO, W. C. **Acquisition of universal, resultative and experiential perfect associated to the past in Brazilian Portuguese.** 2024. Xf. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

This work aims to contribute to the description of the acquisition process of Brazilian Portuguese (BP). The specific objective is to investigate the acquisition of the universal perfect (PU), experiential perfect (PE_x) and resultative perfect (PR_{es}) associated with the past in BP by analyzing the emergence of morphosyntactic realizations of these types of perfect in children's production. In this way, we seek to answer questions as: (i) which types of perfect associated with the past are most used in the speech of children in the process of language acquisition?, (ii) which morphosyntactic realizations are first used to realize these types of perfect when associated with the past?, (iii) which of these realizations are most common in the production of BP-speaking children? and (iv) which types of perfect associated with the past are first realized in the production of children acquiring BP? The hypothesis of this work is that the emergence of perfect realizations associated with the past in this language occurs in the following order: first, PR_{es}, then PU and, finally, PE_x. The methodology used was the analysis of longitudinal data taken from the CHILDES platform of 7 children acquiring BP. The average starting age of the transcriptions for these children is 5 years and 2 months and the average ending age is 8 years and 6 months. In the sample, the verbal and adverbial realizations in the context of the conveyance of PU, PR_{es} and PE_x associated with the past described in Sant'Anna (2021) for the adult production of BP were verified. It was found that the type of perfect most used in the children's sample was PR_{es} and that, for the realization of PU, the most used morphology was the imperfective past tense and, for the realization of PR_{es} and PE_x, the compound past perfect. The results do not allow us to refute or confirm our hypothesis, since the data analyzed reveals significant differences in the first type of perfect associated with the past produced by each child. We argue that the results regarding the morphologies most used in the realization of PU, PR_{es} and PE_x corroborate Sant'Anna's (2021) arguments that these are the prototypical ones for expressing each of these types of perfect.

Keywords: language acquisition; aspect; *perfect*; past; Brazilian Portuguese

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O ASPECTO <i>PERFECT</i>.....	15
2.1 TEMPO E ASPECTO.....	15
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO ASPECTO <i>PERFECT</i>	16
2.2.1 Propostas de classificação do aspecto <i>perfect</i>	18
2.2.2 Representação sintática do aspecto <i>perfect</i>	22
2.2.3 Realizações morfológicas do <i>perfect</i> associado ao passado no inglês e no português..	25
2.2.4 Advérbios e expressões adverbiais associados ao <i>perfect</i> no português do Brasil....	28
3 AQUISIÇÃO NA PERSPECTIVA GERATIVISTA.....	30
3.1 A HIPÓTESE INATISTA.....	30
3.2 AQUISIÇÃO DE CATEGORIAS FUNCIONAIS.....	31
3.3 AQUISIÇÃO DE <i>PERFECT</i> ASSOCIADO AO PRESENTE NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS.....	34
3.4 AQUISIÇÃO DE TEMPO E SUA ASSOCIAÇÃO AO <i>PERFECT</i>	37
4 METODOLOGIA.....	40
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	40
4.2 O CORPUS LINGUÍSTICO UTILIZADO.....	40
4.3 SUJEITOS SELECIONADOS.....	41
4.4 A ANÁLISE DE DADOS.....	41
5 RESULTADOS E ANÁLISES.....	44
5.1. RESULTADOS REFERENTES AO TOTAL DE REALIZAÇÕES DOS TIPOS DE <i>PERFECT</i>	44
5.2 RESULTADOS REFERENTES À PRIMEIRA OCORRÊNCIA DAS REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DOS TIPOS DE <i>PERFECT</i>	49
5.2.1 <i>Perfect universal</i>	49
5.2.2 <i>Perfect resultativo</i>	52
5.2.3 <i>Perfect experiencial</i>	58
5.3 RESULTADOS REFERENTES AO TOTAL DAS DIFERENTES REALIZAÇÕES	

MORFOSSINTÁTICAS DOS TIPOS DE <i>PERFECT</i>	61
5.3.1 <i>Perfect</i> universal.....	61
5.3.2 <i>Perfect</i> resultativo.....	62
5.3.3 <i>Perfect</i> experiencial.....	64
5.4 RESULTADOS LONGITUDINAIS COM O MOMENTO DE EMERGÊNCIA DOS TIPOS DE <i>PERFECT</i>	66
5.5 DISCUSSÃO.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICE A - Ocorrências de <i>Perfect</i> Universal.....	80
APÊNDICE B - Ocorrências de <i>Perfect</i> Resultativo.....	84
APÊNDICE C - Ocorrências de <i>Perfect</i> Experiencial.....	92

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1950, com o advento da teoria gerativa, a linguagem passa a ser concebida como uma faculdade mental. Introduzida por Chomsky (1957), essa teoria advoga que a linguagem é uma capacidade da mente humana e é específica dessa espécie. Esse conhecimento específico da linguagem representado na mente humana é conhecido como Faculdade da Linguagem. Essa faculdade é inata, interna e comum a todos os indivíduos em seu estágio inicial. Por essa razão, crianças de qualquer parte do mundo conseguem adquirir uma língua na medida em que são expostas a dados linguísticos. Ainda de acordo com Chomsky, esse aparato genético específico da linguagem nos diferenciaria das outras espécies (Chomsky, 1988).

A Faculdade da Linguagem representa um módulo específico apenas para a linguagem, se dissociando das demais cognições. Isso porque a teoria gerativa assume, também, que a mente humana é modular e, portanto, possui módulos e princípios específicos para diferentes áreas do conhecimento, que interagem entre si (Fodor, 1983).

Além disso, no gerativismo defende-se a existência de uma Gramática Universal (doravante GU), que é a própria Faculdade da Linguagem em seu estágio inicial. A GU pode ser descrita como um aparato genético essencialmente linguístico composto por um conjunto de princípios e parâmetros inatos compartilhados por todas as línguas humanas (Chomsky, 1988). Os princípios são conhecimentos gramaticais invariáveis em todas as línguas e os parâmetros são as possibilidades de variação entre as línguas, que já estão codificados na própria GU. Esse aparato genético prevê a existência de diversas categorias linguísticas, como as funcionais e as lexicais.

Visando compreender como está organizada a Faculdade da Linguagem, diversos estudos de aquisição de linguagem procuram descrever quais traços subjazem à representação mental dos conhecimentos linguísticos. Adotamos, para esta pesquisa, os pressupostos da Hipótese da Uniformidade, proposta por Sigurðsson (2004). De acordo com esse autor, os traços funcionais são universais, de modo que todas as crianças têm disponíveis os mesmos traços que subjazem às diferentes manifestações linguísticas.

Além disso, outras duas teorias linguísticas ganham destaque nos estudos de aquisição das categorias funcionais: a Hipótese Maturacional e a Hipótese Continuista. Na primeira, defendida por Radford (1990) e Tsimplici (1991), os princípios seguem uma programação pré-determinada pela GU e estariam disponíveis desde o início do processo de aquisição, mas

é preciso que haja maturação biológica para adquiri-los. Na segunda, defendida por autores como Pinker (1995), as categorias funcionais são componentes da GU e todos os princípios estariam disponíveis para as crianças desde o início do processo de aquisição.

Este trabalho se debruça sobre um traço funcional específico: o de aspecto. Com base em Comrie (1976), aspecto é entendido como as diferentes formas de se enxergar a constituição temporal interna de uma situação. O aspecto focalizado neste trabalho é o aspecto *perfect*, o qual pode associar-se aos tempos presente, passado e futuro. De acordo com Pancheva (2003), esse aspecto é capaz de conectar dois pontos distintos no eixo temporal, a partir de um intervalo de tempo, o *Perfect Time Span* (PTS). Para esta monografia, consideram-se apenas de *perfect* associado ao passado, em que ambos os pontos do intervalo PTS são anteriores ao momento da fala.

Diversas são as classificações do aspecto *perfect*, mas, para esta pesquisa, adotou-se a classificação de Pancheva (2003), que o divide em três tipos: *perfect* universal (PU), *perfect* resultativo (PRes) e *perfect* experiencial (PEx). O *perfect* universal diz respeito a uma situação que se iniciou em um determinado ponto no tempo e se estendeu até outro, o *perfect* resultativo representa uma situação que terminou no ponto mais anterior do intervalo PTS e produziu alguma experiência no ponto posterior e o *perfect* experiencial, além de expressar uma situação que terminou no ponto mais anterior do intervalo PTS, produziu alguma experiência no ponto posterior.

Quando associado ao passado no português, PU pode ser exemplificado da seguinte maneira: “Eu **estudava** no curso de inglês **ainda**” (Sant’Anna, 2021, p. 54). Além disso, PRes pode ser ilustrado pela sentença: “Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele **já tinha comido**” (Sant’Anna, 2021, p. 63) e PEx pela sentença: “Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro **já tinha engravidado** várias mulheres?!” (Sant’Anna, 2021, p. 65).

Estudos sobre a associação do *perfect* ao passado são escassos, de modo que a maioria das descrições sobre esse aspecto no português do Brasil volta-se para sua associação ao tempo presente (Novaes; Nespoli, 2014; Jesus et al., 2017; Nespoli, 2018; Gomes; Semêdo, 2019; Sant’Anna; Martins; Gomes, 2020). Na mesma direção, estudos sobre a aquisição do *perfect* tendem a examinar a emergência morfossintática das realizações desse aspecto associado ao presente (Rodrigues; Martins, 2019; Martins; Rodrigues, 2023). Por essa razão, o presente estudo torna-se pertinente, uma vez que buscamos descrever um fenômeno linguístico ainda não focalizado no processo de aquisição de linguagem: a emergência do *perfect* associado ao passado.

Ainda, estudos de aquisição de linguagem contribuem para o entendimento de como a estrutura gramatical de um adulto saudável está organizada (Avrutin; Haverkort; Van Hout, 2001). Assim, de maneira mais ampla, a descrição feita nesta pesquisa mostra-se relevante para o entendimento acerca da representação do fenômeno linguístico em foco neste estudo, o *perfect*. De maneira específica, essa descrição contribui para o mapeamento do desenvolvimento linguístico desse fenômeno gramatical na produção de crianças adquirindo o português do Brasil.

Com base nisso, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a descrição do processo de aquisição do português do Brasil. O objetivo específico é investigar a aquisição de *perfect* universal, resultativo e experiencial quando associados ao passado no português do Brasil. Desse modo, busca-se responder questões como: (i) Quais os tipos de *perfect* associados ao passado são mais realizados na fala de crianças adquirindo o português do Brasil? (ii) Quais as realizações morfossintáticas (ou seja, morfológicas e adverbiais) são primeiramente utilizadas para realizar os diferentes tipos de *perfect* associados ao passado no início do processo de aquisição dessa língua? (iii) Quais dessas realizações são mais comuns na produção de crianças falantes do português do Brasil até cerca de 8 anos e 6 meses de idade? e (iv) Quais tipos de *perfect* são primeiramente realizados na produção de crianças adquirindo a língua investigada quando o aspecto *perfect* é associado ao tempo passado?

Rodrigues e Martins (2019) propõem que a aquisição de *perfect* associado ao presente no português do Brasil se dê da seguinte maneira: primeiramente, *perfect* resultativo, depois, *perfect* universal e, finalmente, *perfect* experiencial. Em consonância com as autoras, a hipótese deste trabalho é a de que, ao ser associado ao passado, as realizações morfossintáticas de *perfect* sigam essa mesma ordem de emergência na produção de crianças adquirindo o português do Brasil.

Para esta pesquisa, adota-se como metodologia a análise longitudinal da produção de sete crianças adquirindo o português do Brasil, cujos dados foram retirados da plataforma *CHILDES*. Os dados nessa plataforma são disponibilizados através de transcrições e demonstram interações de fala entre criança e adulto. A idade média de início das transcrições para essas crianças é de 5 anos e 2 meses e a idade média de fim é de 8 anos e 6 meses. Além disso, cada criança possui em média 14 transcrições, o que corresponde a uma média de cerca de 19.431 palavras analisadas por criança. Procuramos identificar, na produção das crianças, as realizações verbais e adverbiais (descritas em Sant'Anna, 2021) em contexto de veiculação de PU, PRes e PEx associados ao passado.

Esta monografia está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos esta introdução; no segundo, descrevemos propostas de classificação do aspecto *perfect*, como ele se realiza morfossintaticamente na língua inglesa e no português do Brasil, bem como propostas de representação sintática desse aspecto; no terceiro, discorremos sobre como ocorre a aquisição de categorias funcionais e como se dá a aquisição de *perfect* associado ao presente no inglês e no português e ao passado no inglês; no quarto, descrevemos a metodologia utilizada nesta pesquisa; no quinto, descrevemos e analisamos os resultados obtidos; e, por fim, apresentamos as considerações finais desta pesquisa.

2 O ASPECTO *PERFECT*

Neste capítulo, apresentamos as categorias linguísticas de tempo e aspecto, uma vez que as diferenças entre elas precisam ser elucidadas para melhor compreensão sobre o aspecto *perfect*, tema desta monografia. Por essa razão, na próxima seção, começamos apresentando as respectivas definições. Na seção seguinte, passamos efetivamente à caracterização do aspecto *perfect*.

2.1 TEMPO E ASPECTO

De acordo com Comrie (1985), pela categoria linguística de tempo, somos capazes de localizar diferentes eventos em uma linha temporal. É caracterizada como dêitica, pois permite que essa localização aconteça a partir de um ponto de referência, que, geralmente, é o momento da fala. Comrie (1985) ainda ressalta que as categorias de tempo mais comumente encontradas nas línguas são as de presente, passado e futuro. Em uma linha temporal, então, o presente marcaria o momento da fala, o passado, um evento anterior ao momento da fala e o futuro, um evento posterior ao momento da fala.

Por outro lado, a categoria linguística de aspecto diz respeito às diferentes formas de se expressar a constituição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976). Além disso, aspecto é considerado não dêítico, uma vez que, por meio dessa categoria, não é possível relacionar eventos a um ponto de referência. Para melhor exemplificar as diferenças entre esses conceitos, as sentenças abaixo, retiradas de Comrie (1976, p.6), serão analisadas:

(1) *He was reading.*

‘Ele estava lendo.’

(2) *He read.*

‘Ele leu.’

Ambas as sentenças são localizadas no tempo passado, visto que ocorrem anteriormente ao momento da fala. No entanto, a leitura aspectual dessas sentenças é diferente, pois em (1) a perífrase verbal “*was reading*” (estava lendo) ilustra uma das fases internas do evento, e em (2) o verbo “*read*” (leu), por sua vez, ilustra o evento de forma completa, com início, meio e fim. Embora as categorias de tempo e aspecto se diferenciem, apresentam uma relação bastante extensiva (Hornstein, 1990), podendo, inclusive, em

algumas línguas serem expressas pelas mesmas realizações morfossintáticas, como por um mesmo morfema verbal (Comrie, 1985).

Ainda de acordo com Comrie (1976), aspecto pode ser dividido em dois tipos: semântico e gramatical. O aspecto semântico não necessita de marcações gramaticais, pois diz respeito a traços semânticos existentes na sentença, como os traços de significado inerentes à raiz verbal, aos argumentos e aos adjuntos. Por outro lado, o aspecto gramatical é expresso pelos elementos gramaticais de uma sentença, como os afixos e os verbos auxiliares. Ainda, Cinque (1999) assume que determinados advérbios também fazem parte da categoria de aspecto gramatical, uma vez que possuem papel funcional e ocupam a posição de especificador de sintagmas aspectuais.

O aspecto gramatical pode ser caracterizado como perfectivo, em que a situação é descrita em sua totalidade, sem distinguir as fases que a compõem, como demonstrado no exemplo (2), e como imperfectivo, ao ressaltar, pelo menos, uma das fases internas da situação, como expresso em (1). O aspecto imperfectivo pode ser dividido em dois tipos: habitual e contínuo (Comrie, 1976). O primeiro demonstra um evento recorrente, característica de um período de tempo estendido. O segundo, por sua vez, descreve uma situação a partir de sua perspectiva contínua, isto é, em andamento em determinado momento na linha temporal.

Descritas as diferenças básicas entre tempo e aspecto e entre aspecto semântico e gramatical, na próxima seção, iremos descrever a caracterização do aspecto *perfect*, as suas realizações morfossintáticas no português e no inglês e, também, as propostas de sua representação linguística desse aspecto na árvore sintática.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO ASPECTO *PERFECT*

O aspecto *perfect* é diferente dos tipos de aspecto gramatical descritos anteriormente (perfectivo e imperfectivo), pois é capaz de conectar dois pontos distintos no eixo temporal a partir de um intervalo de tempo, o *Perfect Time Span* (PTS) (Pancheva, 2003). Esse intervalo de tempo inclui o momento de referência (RT) e o momento do evento (ET). Para melhor exemplificação do aspecto *perfect*, os exemplos (3) e (4), extraídos de Comrie (1976, p.52), demonstram uma sentença que veicula esse aspecto e outra que não o veicula, respectivamente. Em (3), temos o aspecto *perfect* e, por essa razão, pode-se postular que o canivete foi perdido no passado e a situação de perda do canivete permanece no presente, enquanto em (4), essa leitura não é possível, visto que não veicula *perfect*, e sim o aspecto

perfectivo e, por esse motivo, a perda do canivete no passado não possui relação com o momento presente.

(3) *I **have lost** my penknife.*

‘Eu perdi meu canivete.’

(4) *I **lost** my penknife.*

‘Eu perdi meu canivete.’

O *perfect* pode ser combinado com os tempos presente, passado e futuro (Comrie, 1976). O exemplo (5) evidencia a veiculação do *perfect* associado ao presente, uma vez que o evento de sair cedo de casa se iniciou no passado (2018) e persiste até o momento presente. O exemplo (6), por sua vez, apresenta o *perfect* associado ao passado, pois o momento do evento (o da saída de Matheus) e o momento de referência (o da chegada de Lucas) são anteriores ao momento da fala. Por último, a sentença (7) exemplifica o *perfect* associado ao futuro, uma vez que o momento do evento (o da saída de Matheus) e o momento de referência (o da chegada de Lucas) são posteriores ao momento da fala.¹

(5) Matheus **tem saído** de casa cedo desde 2018.

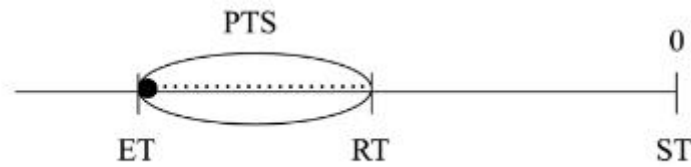
(6) Matheus **tinha saído** quando Lucas chegou.

(7) Quando Lucas chegar, Matheus já **terá saído**.

Para melhor exemplificação do intervalo PTS, na figura 1 a seguir apresentamos um esquema, no qual se pode observar a representação do intervalo de tempo PTS quando o aspecto *perfect* está combinado ao tempo passado, foco desta monografia. Ao analisar a figura, percebemos que a fronteira à esquerda indica o momento do evento (ET) e a fronteira à direita indica o momento de referência (RT). A círculo que conecta ET e RT evidencia a relação entre esses dois pontos no tempo, que são anteriores ao momento da fala (ST).

¹ Essa descrição não é consensual na literatura. Cinque (1999), por exemplo, defende que, em alguns casos, o momento do evento (ET) não precisa ser necessariamente posterior ao momento da fala (ST).

Figura 1: Representação do intervalo PTS de PU associado ao passado.



Fonte: Machado (2022, p. 28).

Não é consensual na literatura as propostas de classificação do aspecto *perfect* e, por isso, na próxima seção, apresentaremos as diferenças entre algumas dessas propostas.

2.2.1 Propostas de classificação do aspecto *perfect*

Alguns dos autores que propõem classificações para o aspecto *perfect* são: Comrie (1976), que o divide em quatro tipos, Pancheva (2003), que o divide em três tipos, e McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), que o dividem em dois tipos. Essas propostas de classificação serão elucidadas nos parágrafos a seguir.

De acordo com Comrie (1976), o aspecto *perfect* se subdivide em *perfect* resultativo, *perfect* experiencial, *perfect* de situação persistente e *perfect* de passado recente. Nesse momento, é importante salientar que esse autor restringiu as análises desse aspecto ao tempo presente, ainda que considere a possibilidade de combinação do *perfect* aos tempos presente, passado e futuro.

O *perfect* resultativo é descrito como aquele que representa o resultado de uma situação passada e, para o autor, essa é a manifestação mais clara da relevância do passado no presente. Nos exemplos (8) e (9), extraídos de Comrie (1976, p. 56), é possível perceber a diferença entre uma sentença que veicula esse aspecto e uma que não, respectivamente. Em (8), a ação de chegar ocorre no passado e seus efeitos persistem no presente, isto é, John ainda está no lugar onde chegou. Ao contrário, em (9), essa leitura não é possível. Nesses exemplos do inglês, em (8), temos o *present perfect*, realizado pela morfologia de passado composto (“*to have*” no presente + participio), o que evidencia na língua inglesa esse tipo de *perfect*. Em contrapartida, em (9), temos apenas a presença do *simple past*, passado simples, que não permite a leitura de *perfect*.²

² Ressaltamos que essa descrição foi feita por Comrie (1976). Estudos mais recentes, como o de Machado e Martins (2020), defendem que o *perfect* existencial pode ser veiculado através de morfologias como a de passado simples, a depender do contexto.

(8) *John has arrived.*

‘João chegou.’

(9) *John arrived.*

‘João chegou.’

O *perfect* experiencial indica que uma situação aconteceu no passado, se manteve pelo menos uma vez durante algum período de tempo e configura uma experiência no presente. No exemplo (10), extraído de Comrie (1976, p. 59), o que se tem é o *perfect* experiencial, uma vez que se entende que Bill esteve na América pelo menos uma vez no passado, e, no presente, essa ação apresenta-se como uma experiência, enquanto, em (11), também extraído de Comrie (1976, p. 59), entende-se que Bill está, no momento do enunciado, na América, ou a caminho de lá e, portanto, a sentença ilustra o *perfect* resultativo.

(10) *Bill has been to America.*

‘Bill já foi para América.’

(11) *Bill has gone to America.*

‘Bill foi para América.’

Já o *perfect* de situação persistente descreve uma situação que começou no passado mas persiste no momento presente, como explicitado em (12), extraído de Comrie (1976, p. 60). Nesse exemplo, a ação de viver começou no passado, há 10 anos, e persiste até o momento atual.

(12) *We’ve lived here for ten years.*

‘Nós vivemos aqui por 10 anos’

Por último, o *perfect* de passado recente indica uma proximidade temporal com uma ação passada, isto é, uma situação passada é, ainda, muito recente, conforme explicitado em (13), extraído de Comrie (1976, p. 60). Essa sentença ilustra uma situação no passado que é muito próxima temporalmente com o presente e, por isso, veicula esse tipo de *perfect*. Ainda de acordo com esse autor, apenas o advérbio *recently* e sinônimos permitem essa leitura na língua inglesa.

(13) *Bill has just arrived.*

‘Bil acabou de chegar.’

De acordo com Nespoli (2018), a condição de recência necessária para veicular o *perfect* de passado recente parece não ser suficiente para que haja de fato a veiculação de *perfect*. Segundo a autora, a leitura de *perfect* que emerge está relacionada com a informação de resultado de um evento do passado no presente e não pela informação de recência temporal. Desse modo, para a autora, o *perfect* de passado recente deveria ser classificado como *perfect* resultativo.

Por outro lado, a proposta de Pancheva (2003) divide esse aspecto em três tipos: *perfect* universal, *perfect* experiencial e *perfect* resultativo. A autora afirma que os tipos de *perfect* podem ser associados ao presente, passado e futuro. Ainda assim, os exemplos apresentados a seguir ilustram a associação dos tipos de *perfect* ao tempo presente. Para esta monografia, escolhemos a classificação proposta por essa autora.

O *perfect* universal diz respeito a uma situação cuja eventualidade subjacente se mantém por um determinado período de tempo. Além disso, esse intervalo de tempo pode ser delimitado pelo tempo de enunciação e um determinado tempo no passado. No exemplo (14), retirado de Pancheva (2003, p. 277), tem-se a veiculação de *perfect* universal associado ao presente, visto que a situação se inicia no passado (em 2000) e se estende até o momento presente. Nesse sentido, o *perfect* universal de Pancheva se aproxima do *perfect* de situação persistence de Comrie (1976), descrito parágrafos acima.

(14) *Since 2000, Alexandra has lived in LA.*

‘Desde 2000, Alexandra vive em LA.’

O *perfect* experiencial, diferentemente, refere-se a uma situação em que a eventualidade subjacente se mantém por determinado período de tempo e se estende para trás a partir do momento de enunciação, como no exemplo em (15), extraído de Pancheva (2003, p. 277). Nesse caso, Alexandra já esteve em LA em algum momento no passado e essa situação se mantém relevante no presente a partir da noção de experiência. Os exemplos (15), de Pancheva (2003), e (10), de Comrie (1976), ilustram o *perfect* experiencial, uma vez que a relação entre passado e presente se dá a partir de uma noção de experiência.

(15) *Alexandra has been in LA (before).*

‘Alexandra já esteve em LA (antes).

O *perfect* resultativo é semelhante ao experiencial, mas aquele ilustra o resultado da eventualidade que persiste no momento da enunciação. Os exemplos (15) e (16), ambos extraídos de Pancheva (2003, p. 277), ilustram essa diferença: em (15), não se pode afirmar que Alexandra esteja no momento do enunciado em LA, e por isso indica o *perfect* experiencial. Em (16), por outro lado, a leitura de *perfect* resultativo indica, necessariamente, que Alexandra esteja em LA no momento da enunciação. Nesse sentido, o resultado do evento de se ir para LA é estar nesse lugar.

(16) *Alexandra has (just) arrived in LA.*

‘Alexandra acabou de chegar em LA.’

Além disso, Pancheva (2003) argumenta que o *perfect* resultativo, diferentemente do experiencial, se combina apenas com eventos télicos, isto é, aqueles que expressam um ponto final delimitado linguisticamente (Comrie, 1976; Bertinetto, 2001; Basso, 2007). Nesse sentido, o exemplo em (17), extraído de Pancheva (2003, p. 279), ilustra que o evento de construir um castelo de areia implica necessariamente na existência de um castelo e esse exemplo pode, assim, veicular *perfect* resultativo e experiencial. No entanto, em (18), essa leitura não é possível, visto que não há necessariamente o resultado explícito de ações como construir castelos de areia, na medida em que não há um ponto final expreso linguisticamente. Desse modo, sentenças como a em (18) podem, apenas, veicular *perfect* experiencial.

(17) *I have built a sandcastle.*

‘Eu construí um castelo de areia.’

(18) *I have built sandcastles.*

‘Eu construí castelos de areia.’

Por último, tem-se a classificação de trabalhos como os de McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), que propõem uma subdivisão do *perfect* em dois tipos: *perfect* universal e *perfect* existencial. Nos parágrafos a seguir, nos atentaremos à essa descrição.

De acordo com Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), o *perfect* universal, ao ser associado ao presente, refere-se a eventos que começaram no passado em determinado

momento e se estenderam até o tempo presente. Como é possível observar no exemplo (19), extraído de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155), a situação de estar doente se inicia no passado, em 1990, e se estende até o momento de enunciação, no presente e, portanto, veicula *perfect* universal.

(19) *I have been sick since 1990.*

‘Eu estou doente desde 1990.’

O *perfect* existencial, por sua vez, quando associado ao tempo presente, faz referência a situações que se iniciaram e terminaram no passado e possuem algum efeito no presente, como exemplificado em (20), extraído de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155). Nesse exemplo, é possível perceber que, no presente, existe o efeito de se ter lido “*Principia Mathematica*” cinco vezes no passado, qualificando-o como *perfect* existencial.

(20) *I have read “Principia Mathematica” five times.*

‘Eu li “Principia Mathematica” cinco vezes.’

Desse modo, é possível postular que a proposta de *perfect* de situação persistente, de Comrie (1976), é similar à de *perfect* universal, de Pancheva (2003), McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), visto que, ao ser associado ao presente, ambos descrevem eventos que se iniciaram no passado e persistem no presente. De maneira similar, a proposta de *perfect* existencial, de McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), se assemelha às definições de *perfect* resultativo, experiencial e de passado recente propostas por Comrie (1976), e às de resultativo e experiencial, apresentadas por Pancheva (2003), haja vista que, ao se relacionarem com o tempo presente, indicam a relevância no presente de um evento que ocorreu no passado.

Na próxima seção, apresentaremos propostas de representação sintática do aspecto *perfect* na Faculdade da Linguagem.

2.2.2 Representação sintática do aspecto *perfect*

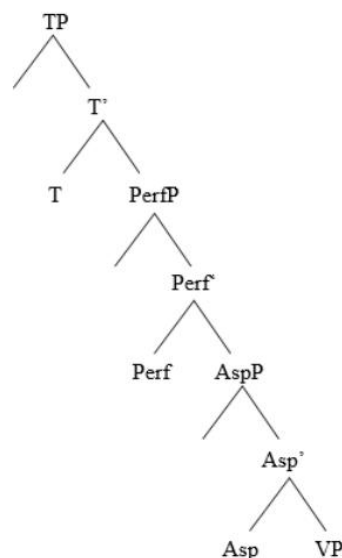
Um dos objetivos da teoria gerativa é explicar como o conhecimento linguístico é organizado na mente humana. Para tanto, Chomsky (1970) propôs a Teoria X-barra, encarregada de elucidar como esse conhecimento é estruturado através da representação das

estruturas sintáticas em diagramas arbóreos. Esses diagramas alocam traços de natureza lexical, como aqueles presentes em itens nominais, e traços funcionais, como aqueles característicos de categorias como as de tempo e aspecto. Uma vez que esta pesquisa estuda o aspecto *perfect*, os traços funcionais são os mais relevantes para este estudo.

Inicialmente, autores como Emonds (1978) e Pollock (1989) acreditavam que as categorias funcionais estariam alocadas sob um mesmo sintagma flexional, o IP. Tal projeção era também considerada a mais alta na representação sintática. Posteriormente, Pollock (1989) propôs a cisão no IP e postulou a existência de dois sintagmas: um para a categoria de tempo (TP) e um para a categoria de concordância (AgrP).

Quanto ao aspecto *perfect*, há discordância na literatura sobre como o sintagma desse aspecto estaria alocado na árvore sintática. Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) estudaram dados da língua inglesa e postularam a existência de apenas um sintagma para representar o *perfect*, o PerfP, como ilustrado na figura 2. Nessa proposta, esse sintagma seria capaz de veicular informações de *perfect* universal e *perfect* existencial. Ainda, TP dominaria PerfP e este sintagma dominaria AspP, responsável por conter informações do aspecto gramatical perfectivo/ imperfectivo.

Figura 2: Representação sintática do aspecto *perfect*, de acordo com Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003).



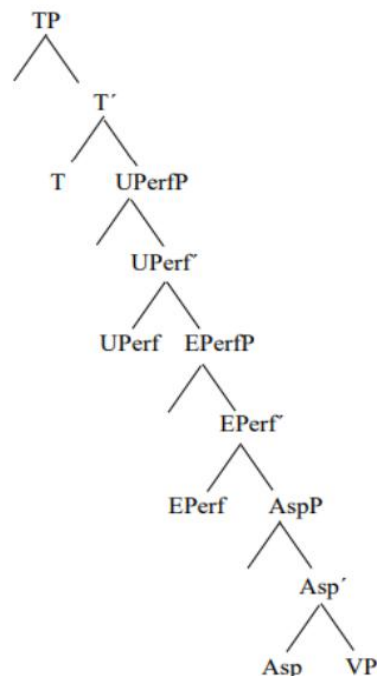
Fonte: Adaptado de Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003, p. 7) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 181).

De acordo com esses autores, o sintagma AspP, ao ser associado ao aspecto perfectivo, carregaria o traço [+ delimitado] e, ao ser associado ao aspecto imperfectivo, carregaria o traço [- delimitado]. Por outro lado, PerfP, ao veicular *perfect*, teria seu traço especificado positivamente e, ao não ser veiculado, teria o traço especificado negativamente.

Além disso, a veiculação de *perfect* universal ou *perfect* existencial dependeria da combinação dos traços dos sintagmas PerfP e AspP. Nesse sentido, para que ocorra a veiculação de *perfect* universal, o traço de PerfP estaria especificado positivamente e o traço de AspP especificado em [- delimitado]. No caso de *perfect* existencial, o traço de PerfP estaria especificado positivamente e o traço de AspP especificado em [+ delimitado].

Por outro lado, Nespoli (2018), ao estudar a realização do *perfect* em línguas românicas como o espanhol, o francês, o italiano e o português, propôs a existência de dois sintagmas desse aspecto na árvore sintática: um referente à *perfect* universal, o UPerfP, e um para o *perfect* existencial, o EPerfP. Como é possível observar na figura 3, nessa proposta, o sintagma de UPerfP dominaria EPerfP.

Figura 3: Representação sintática do aspecto *perfect*, conforme Nespoli (2018).

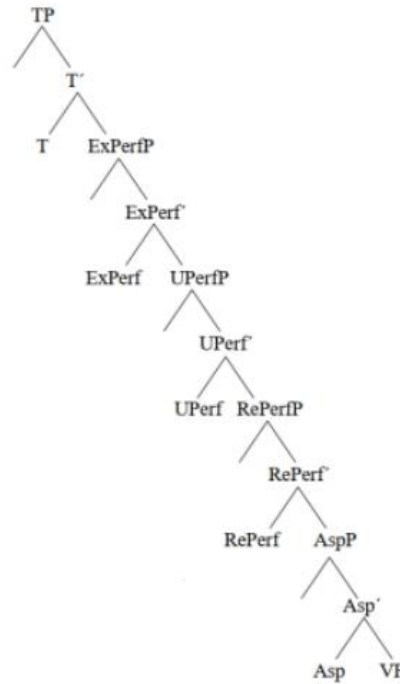


Fonte: Nespoli (2018, p. 153).

As autoras Rodrigues e Martins (2019) estudaram a aquisição de *perfect* no português do Brasil baseadas na classificação de Pancheva (2003) e propõem a existência de três

sintagmas referentes a esse aspecto: UPerfP, RePerfP e ExPerfP, que correspondem, respectivamente, ao *perfect* universal, resultativo e experiencial. Uma vez que o sintagma RePerfP corresponde ao sintagma EPerfP de Nespoli (2018), as autoras postulam a existência de um sintagma não defendido anteriormente, o de ExPerfP, conforme ilustra a figura 4:

Figura 4: Representação sintática do aspecto *perfect*, conforme Rodrigues e Martins (2019).



Fonte: Adaptado de Rodrigues e Martins (2019, p. 180).

Após essa breve revisão sobre a representação sintática do aspecto *perfect*, é possível perceber que não há consenso na literatura sobre como esse aspecto é abrigado na camada funcional, uma vez que há discordância quanto à quantidade de sintagmas referentes a ele. Na próxima seção, apresentaremos como o aspecto *perfect* é realizado morfosintaticamente na língua inglesa e no português do Brasil quando associado ao passado.

2.2.3 Realizações morfológicas do *perfect* associado ao passado no inglês e no português

Ao revisarmos a literatura, percebemos que os trabalhos que estudam o *perfect* associado ao passado são poucos e a descrição desse aspecto normalmente se volta para o *perfect* associado ao presente. Dentre os autores que investigaram a associação desse aspecto ao tempo passado, destacamos Comrie (1976), Sant'Anna (2021) e Machado (2022).

Para Comrie (1976), o *perfect* associado ao passado expressa a relação entre uma situação passada e uma situação ainda anterior a essa. A morfologia capaz de veicular essa relação na língua inglesa é a perífrase “*to have*” conjugado no passado + particípio do verbo principal, o *past perfect*, como exemplificado em (21), extraído de Comrie (1976, p. 53).

(21) *John had eaten the fish.*

‘João tinha comido o peixe.’

Outros autores, como Bowie, Wallis e Aarts (2003), destacam que, em discursos diretos, a morfologia de pretérito perfeito, *simple past*, também é capaz de veicular a noção aspectual de *perfect* no inglês, conforme o exemplo (21), extraído de Bowie, Wallis e Aarts (2003, p. 341). Os autores explicam ainda que os falantes utilizam o *simple past* como uma forma de simplificação para o *past perfect*.

(21) *Can you remember how you felt when you heard that she died?*

‘Você lembra como você se sentiu quando você ouviu que ela morreu?’

Machado (2022) fez um estudo sobre as realizações de *perfect* quando associado aos tempos passado e futuro no inglês americano. No caso do *perfect* associado ao passado, a autora encontrou para PU as morfologias de *past progressive*, *past simple*, *past perfect simple*, *past progressive* e o *modal (used to) + verbo*. Para PE, a autora encontrou as morfologias de *past perfect simple* e *past simple*. Os resultados são bastante reveladores, uma vez que, no caso de PU, a autora descreveu morfologias não citadas na literatura anteriormente.

No caso do português, Sant’Anna (2021) investigou as realizações morfossintáticas que veiculam PU, PRes e PEx quando associadas ao passado no português do Brasil. No caso de PU, os resultados mostraram que esse tipo de *perfect* pode ser realizado pelas morfologias de pretérito imperfeito e pela perífrase formada por “*estar*” no pretérito imperfeito + gerúndio, conforme demonstram os exemplos (22) e (23), respectivamente, ambos extraídos de Sant’Anna (2021, p. 70). Tais morfologias fazem emergir o intervalo PTS e indicam a ocorrência de *perfect*, além disso, a persistência de um evento de um ponto a outro dentro desse intervalo, sendo ambos anteriores ao momento da fala, garantem a veiculação de PU associado ao passado.

(22) Quando o brega funk surgiu, o passinho do romano ainda **fazia** sucesso no Brasil.

(23) Quando o brega funk surgiu, o passinho do romano ainda **estava fazendo** sucesso no Brasil.

Para a veiculação de PRes, a autora descreveu as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito simples, conforme ilustram os exemplos (24), (25) e (26), extraídos de Sant’Anna (2021, p. 63). Além disso, a autora também encontrou a perífrase formada por “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + “de” + infinitivo, como no exemplo em (27), retirado de Sant’Anna (2021, p. 63). Para a autora, essas morfologias são capazes de veicular PRes associado ao passado pois são capazes de demonstrar uma relação entre dois pontos no tempo, em que um evento anterior na linha temporal origina um resultado no ponto seguinte, ambos anteriores ao momento da fala.

(24) Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já **tinha comido**.

(25) Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já **comeu**.

(26) Antes de eu vir pra cá hoje, ela já **saíra** pro trabalho.

(27) Na verdade a gente já tinha saído do aeroporto, na verdade, **tinha acabado de sair**, mas aí tá com a cabeça quente, né gente?

Em relação ao PEx, as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito simples também estão a serviço desse tipo de *perfect*, conforme é percebido nos exemplos (28), (29) e (30) a seguir, extraídos de Sant’Anna (2021, pp. 65-66). A autora defende que essas morfologias também são capazes de veicular PEx associado ao passado, uma vez que uma situação no ponto mais anterior na linha temporal produz uma experiência no ponto seguinte, em que ambos são anteriores ao momento da fala.

(28) Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já **tinha engravidado** várias mulheres?!

(29) Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já **engravidou** várias mulheres?!

(30) Vejo aqui que, em uma das conversas, quando a Elsa contou que foi pra Alemanha, você disse que já **viajara** pra lá.

Na próxima seção, apresentamos os advérbios e expressões adverbiais que atuam na veiculação de *perfect*, especificamente na língua portuguesa.

2.2.4 Advérbios e expressões adverbiais associados ao *perfect* no português do Brasil

Autores como McCoard (1978), Giorgi e Pianesi (1998), Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Nespoli (2018) afirmam que, além da morfologia verbal, alguns advérbios e expressões adverbiais ajudam na veiculação de *perfect*. Klein (1992) e Kiparsky (2002) notaram que alguns advérbios de passado do inglês geram sentenças agramaticais ao serem veiculados com a morfologia de *present perfect*. Por exemplo, advérbios como “*yesterday*” (ontem) e “*in 1959*” (em 1959) não se combinam com a morfologia de *present perfect*, mas aparecem em sentenças com a morfologia verbal de *simple past*, como é ilustrado, respectivamente, nos exemplos (31) e (32). Essa incompatibilidade ficou conhecida na literatura como *perfect puzzle*.

(31) **I have cooked for you in 1959.*

‘Eu tenho cozinhado para você em 1959.’

(32) *I cooked for you in 1959.*

‘Eu cozinhei para você em 1959.’

Nesse contexto, alguns pesquisadores se debruçam sobre o estudo de advérbios e expressões adverbiais que atuam em serviço do *perfect*. Nespoli (2018), por exemplo, estudou línguas românicas e elencou advérbios e expressões adverbiais que veiculam esse aspecto no português do Brasil.

Para essa autora, alguns advérbios marcam a fronteira à esquerda e podem também marcar à direita e um outro grupo de advérbios marca apenas a fronteira à direita. O primeiro grupo veicula o *perfect* do tipo universal. O segundo grupo, por sua vez, veiculam o *perfect* do tipo existencial. No quadro a seguir, há uma sistematização desses advérbios e expressões adverbiais e as fronteiras que eles marcam no intervalo PTS:

Quadro 1: Advérbios e expressões adverbiais que veiculam o aspecto *perfect*, em contexto de realização de PU e PE, de acordo com Nespoli (2018).

Advérbio/Expressão adverbial	Fronteira	Tipo de <i>perfect</i>
Sempre/Nunca/Ainda/Até X tempo (no presente)	Esquerda e direita	Universal
Desde X tempo/Há/Faz X tempo/Ultimamente	Esquerda	
Já/Nunca/Ainda não	Direita	Existencial

Fonte: Adaptado de Nespoli (2018, p. 138).

Sant’Anna (2021) estudou especificamente advérbios e expressões adverbiais que veiculam *perfect* associado ao passado, foco deste estudo. Baseada em Nespoli (2018) e na classificação de tipos do *perfect* de Pancheva (2003), a autora encontrou, para o *perfect* universal “ainda”, “sempre” e “há x tempo”, para o *perfect* resultativo, “já” e “ainda não” e, para o *perfect* experiencial, “já”, “ainda não” e “nunca”.

No próximo capítulo, descreveremos as assunções tomadas neste estudo acerca do processo de aquisição da linguagem, além de revisar alguns estudos que se voltaram para a aquisição de *perfect*.

3 AQUISIÇÃO NA PERSPECTIVA GERATIVISTA

Neste capítulo, iremos discutir sobre o processo de aquisição de linguagem. Mais especificamente, sobre como ocorre a aquisição do aspecto *perfect* no inglês e no português. Para tanto, na próxima seção, trataremos da Hipótese Inatista de aquisição de linguagem. Na seção seguinte, abordaremos hipóteses de aquisição de categorias funcionais. Na terceira seção, descreveremos resultados da aquisição de *perfect* associado ao presente no inglês e no português. Finalmente, na última seção apresentaremos a aquisição de tempo segundo Weist (1986) e sua associação ao *perfect*.

3.1 A HIPÓTESE INATISTA

Na década de 1950, algumas teorias linguísticas procuravam explicar o fenômeno de aquisição de linguagem. Para o modelo behaviorista, a linguagem era desenvolvida exclusivamente a partir da experiência. Nessa perspectiva, a partir dos dados do meio, a criança desenvolveria um comportamento verbal e fixaria as estruturas linguísticas a partir da repetição. Chomsky (1959) critica esse paradigma e afirma que as crianças, na verdade, possuem um aparato biológico para adquirir linguagem, entendendo-a como mentalmente representada.

Dessa maneira, a teoria gerativa postula que os seres humanos possuem um mecanismo inato que capacita todas as crianças do mundo a adquirir uma língua e inclui a mente humana como central no processo de aquisição. Além disso, a gramática gerativa assume que essa mente é modular, contendo módulos específicos para diferentes cognições. Esses módulos possuem princípios específicos e interagem entre si (Fodor, 1983). O módulo exclusivo para o conhecimento da linguagem é denominado Faculdade da Linguagem. Essa faculdade no estágio inicial é conhecida como Gramática Universal (GU).

Chomsky (1988) defende que a GU contenha princípios gerais que são válidos em qualquer língua e parâmetros, estruturas linguísticas específicas de cada língua. A medida que a criança recebe *input* linguístico, ela fixa os parâmetros e desenvolve uma gramática particular. De acordo com Lenneberg (1967), esse processo de aquisição acontece em um período crítico, que começa a partir dos 2 anos e termina no fim da puberdade. Para o autor, ao final desse processo, ocorre, também, a finalização do processo de lateralização hemisférica do cérebro, responsável por, entre outras coisas, processar estruturas linguísticas.

A GU abarca as categorias sintáticas lexicais e funcionais. Conforme mencionado no capítulo anterior, o *perfect*, foco deste trabalho, está associado à categoria funcional de aspecto. Por essa razão, na próxima seção, descreveremos como se dá o processo de aquisição de categorias funcionais.

3.2 AQUISIÇÃO DE CATEGORIAS FUNCIONAIS

O processo de aquisição de linguagem é bastante similar para todas as crianças, independentemente da língua que estão adquirindo. Dessa maneira, as crianças apresentam os mesmos estágios de aquisição, a saber: o pré-linguístico e o linguístico (Quadros, 2007).

O estágio pré-linguístico é marcado pela presença de balbucios, que ocorrem nos primeiros meses de vida e progridem ao longo do tempo. Todas as crianças começam suas produções linguísticas dessa maneira, inclusive as crianças surdas. O balbucio é iniciado com vogais anteriores e consoantes guturais e, ao atingir seis meses de idade, a criança já é capaz de produzir padrões silábicos como a organização CV (consoante seguida de vogal). Aos 10 meses, as crianças selecionam e produzem sons específicos possíveis de sua língua materna, utilizando contornos melódicos (Quadros, 2007).

Por sua vez, o estágio linguístico é dividido da seguinte maneira: estágio de uma palavra, estágio de duas palavras e estágio de combinações múltiplas. O primeiro estágio começa a partir de um ano de idade, momento em que as crianças começam a produzir palavras que estão ligadas ao ambiente ao seu redor, como “mamãe” e “água” (Quadros, 2007). Brown (1973) demonstra que essas palavras normalmente são itens lexicais, como os substantivos e os verbos. Lessa (2015) ainda acrescenta que pronomes e estruturas de negação também compõem esse período. De acordo com Quadros (2007), esse período de uma palavra é descrito como holofrástico, visto que a palavra representa o sentido de uma frase completa.

O estágio de duas palavras ocorre a partir do segundo ano de idade da criança. Nesse período, a criança combina duas ou mais palavras, pois passa a observar a ordem canônica de sua língua materna. De acordo com Brown (1973) e Pinker (1995), nesse momento, as crianças compreendem o ordenamento dos itens (sujeito, verbo e complementos) de uma sentença. Além disso, elas começam a identificar frases afirmativas, negativas e interrogativas. Essa fase também é conhecida como fala telegráfica, pois há ausência de preposições, conjunções e outros elementos de ligação (Scliar-Cabral, 1977).

Ainda conforme Quadros (2007), no último estágio, o de combinações múltiplas, a criança produz frases menores acompanhadas de preposições e artigos. Além disso, as

crianças começam a classificar as palavras de acordo com as desinências e derivações de maneira correta. Ainda, conseguem produzir interrogativas QU, como “que é isso?”. A partir dos 4 anos, já produzem, também, sentenças na voz passiva. De acordo com Pinker (1995), nesse período, a criança já está apta a produzir morfemas de concordância, gênero e tempo. Feita essa breve revisão da literatura, é possível perceber que as categorias funcionais emergem a partir dos dois anos, entre o período de duas palavras e o período de combinações múltiplas.

Ao tratar especificamente sobre a aquisição das categorias funcionais, duas hipóteses norteiam essa discussão: a Hipótese Maturacional e a Hipótese Continuista. De acordo com a Hipótese Maturacional, os estágios da aquisição da linguagem se dão de maneira similar a outros fenômenos biológicos e ocorrem através de fatores maturacionais. Autores dessa corrente, como Felix (1984 *apud* Tsimpli, 1991, p.30), Radford (1990) e Borer e Wexler (1987) defendem que os princípios integrantes da GU não estariam disponíveis desde o início desse processo, mas ficam acessíveis quando as crianças amadurecem cognitivamente para adquiri-los.

Para Radford (1990), essa maturação acontece através de três estágios. No primeiro, há a ausência de categorias lexicais e funcionais, no segundo, ocorre a aquisição das categorias lexicais e a criança começa a produzir elementos dessa categoria, como os verbos. No último estágio, as crianças adquirem as categorias funcionais. Radford (1988, 1990) ainda afirma que, em fases mais iniciais do processo de aquisição de linguagem, as crianças apresentam falta de domínio sobre a Teoria do Caso e questões relacionadas à propriedade de atribuir papel temático. Ainda de acordo com esse autor, isso sugere que as categorias funcionais necessitam de maior tempo para serem adquiridas pelas crianças, e, portanto, as categorias lexicais emergiriam antes das categorias funcionais.

Tsimpli (1991) propõe a Teoria da Maturação das Categorias Funcionais. Ainda que a autora esteja enquadrada na Teoria Maturacional, ela acredita que os princípios da GU estariam disponíveis desde o início do processo de aquisição de linguagem, mas, no que diz respeito às categorias funcionais, elas necessitariam da maturação da linguagem para que sejam plenamente adquiridas. Com base nisso, a autora classifica o período prévio à maturação dessas categorias como “pré-funcional”, momento em que as crianças ainda não têm fixados os parâmetros relacionados às categorias funcionais. Ainda de acordo com Tsimpli (1991), a ordem de aquisição das categorias funcionais seria pré-determinada pela GU.

Por outro lado, autores como Yang (2002), Pinker (1984, 1995), Hyams (1996) e Wexler (1996, 1998) defendem a Hipótese Continuísta. A principal crítica dessa corrente à Hipótese Maturacional é a de que os princípios da GU estariam disponíveis no processo de aquisição da linguagem desde o início. Nessa perspectiva, então, o sistema cognitivo da criança seria idêntico ao de um adulto.

Pinker (1995) estudou a aquisição de crianças adquirindo o inglês americano e observou que as crianças costumam fazer generalizações ao conjugar verbos no passado. O exemplo abaixo, extraído de Pinker (1995, p. 109), demonstra esse processo:

(33) * *My teacher **holded** the baby rabbits and we patted them.*

‘Meu professor abraçou os filhotes de coelhos e nós fizemos carinho neles.’

Como é possível observar, ainda que o verbo “*hold*” (segurar) seja irregular, a criança aplica a morfologia de *-ed*, que marca o tempo passado em verbos regulares. Pinker (1995) explica que isso acontece porque as crianças, nesse momento, estão generalizando como acontece a conjugação do tempo passado. Esse fenômeno ficou conhecido como *overregularization*. De acordo com o autor, esse fenômeno é explicado a partir de três estágios que ocorrem no processo de aquisição. No primeiro, as crianças memorizam as conjunções verbais, sem haver associação ao tipo de verbo (regular ou irregular). No seguinte, acontecem as generalizações, isto é, ao perceber a grande frequência do morfema *-ed* na língua inglesa, as crianças aplicam o morfema em todos os verbos, conforme o exemplo (33). Por fim, no último estágio, as crianças já conseguem diferenciar os verbos regulares dos irregulares.

Wexler (1996, 1998), ao tratar das categorias funcionais, entende que essas categorias integram a GU desde o início, mas defende que, para que elas possam emergir, é necessário que a gramática da criança seja maturada. Nesse sentido, o autor propõe que as categorias funcionais sejam adquiridas de acordo com duas fases. Na primeira, denominada *Very Early Parameter-Setting*, os parâmetros mais básicos são fixados no início do processo de aquisição de linguagem. No segundo, a fase *Very Early Knowledge of Inflection*, a criança já conceptualiza as propriedades gramaticais e fonológicas de elementos flexionais da sua língua materna. Nesse sentido, o autor se aproxima da Hipótese Maturacional.

Nesse sentido, é possível perceber que a principal diferença entre a Hipótese Maturacional e a Hipótese Continuísta está na presença ou não de certos princípios da GU no início do processo de aquisição de linguagem. No que diz respeito às categorias funcionais, na

Hipótese Maturacional, defende-se que essas categorias dependem de maturação biológica para serem adquiridas. Na Hipótese Continuista, por outro lado, assume-se que as categorias funcionais são integrantes da GU, e, portanto, não são adquiridas.

Além dessas hipóteses, para esta monografia, nos ancoramos em duas assunções centrais sobre a representação da linguagem e sua aquisição: a Hipótese da Uniformidade e a hipótese conhecida como *Growing Trees*. Na primeira hipótese, defendida por Sigurðsson (2004), todas as línguas têm disponível o mesmo conjunto de traços, e, desse modo, apresentariam a mesma representação estrutural. Dessa maneira, os traços que subjazem as manifestações linguísticas entre as línguas são iguais e o que as diferenciaria seria os níveis linguísticos lexical e fonológico. Nesse sentido, ainda que determinada língua não expresse morfossintaticamente determinado traço funcional, ele ainda estaria representado na gramática mental do falante por estar incluído dentre os traços disponíveis a todos os seres humanos já na GU. A partir disso, no que diz respeito ao aspecto *perfect*, assumimos que todos os indivíduos possuem o(s) sintagma(s) que abarque(m) seu(s) traço(s) em sua gramática mental, e apenas suas realizações morfossintáticas variam entre as línguas.

Além disso, na hipótese *Growing Trees*, defendida por Friedmann, Belletti e Rizzi (2021), postula-se que as categorias funcionais na árvore sintática são adquiridas pelas crianças no sentido direita-esquerda. Isso é, na gramática das crianças, primeiro emergem os sintagmas funcionais que compõem os nódulos mais baixos da árvore e, por último, ocorre a emergência dos sintagmas mais altos na hierarquia, que correspondem à periferia à esquerda. Embora tal hipótese esteja comprometida com a camada responsável pela periferia à esquerda da sentença, estendendo esse raciocínio aos sintagmas funcionais que compõem a camada flexional da árvore sintática, podemos especular que, com relação à aquisição do(s) sintagma(s) de *perfect*, primeiro a criança adquiriria aquele(s) mais baixo(s) na árvore. Em outras palavras, assumindo a figura 4 apresentada na seção 1.2.2 do capítulo anterior, a emergência de RePerfP precederia a emergência de UPerfP e a deste antecederia a de ExPerfP.

Diante disso, nas duas próximas seções, iremos tratar especificamente de como ocorre a aquisição do(s) sintagma(s) de *perfect* na gramática infantil.

3.3 AQUISIÇÃO DE *PERFECT* ASSOCIADO AO PRESENTE NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS

Diversos autores (Cromer, 1968 apud Gathercole, 1985, pp.538-39; Cromer, 1971; Nussbaum; Naremore, 1975; Weist, 1997) defendem que a aquisição de *perfect* associado ao presente no inglês, mais especificamente, a aquisição da forma verbal *present perfect*, acontece de forma tardia. Isso porque estudos de aquisição feitos nessa língua demonstraram que o uso do auxiliar *have* do *present perfect* só se estabilizou na fala das crianças aos 6 anos (Nussbaum; Naremore, 1975).

De acordo com Weist (1997) isso se explica pelo fato de que essa morfologia específica necessita do desenvolvimento do sistema de referência temporal. O *present perfect* tem como RT (tempo de referência) simultâneo ao ST (tempo de fala) e possui o ET (tempo de evento) anterior ao RT. Nesse sentido, para adquirir tal morfologia, seria necessário que a criança estabelecesse ET e RT em diferentes momentos no tempo. Ainda, o uso do *present perfect* requer que as crianças consigam relacionar eventos no passado a suas consequências no presente, o que exige uma complexidade cognitiva ainda não desenvolvida nos primeiros anos de aquisição (Cromer, 1971; Kuczaj; Daly, 1979).

Além disso, conforme Smith (1980), aos 6 anos de idade, a criança atinge o estágio operacional concreto. Antes desse estágio, a criança ainda enfrentaria o momento de visão egocêntrica no mundo, em que apresenta dificuldade de falar sobre situações que não ocorram no tempo presente.

Rodrigues e Martins (2023) investigaram a aquisição de *perfect* associado ao presente no inglês americano a partir da classificação de Pancheva (2003). Para tanto, as autoras fizeram um estudo longitudinal com quatro crianças adquirindo essa língua. Duas das crianças produziram primeiro o *perfect* resultativo antes de produzirem outros tipos desse aspecto. Uma das crianças produziu o *perfect* resultativo depois de produzir os outros dois tipos. Outra das crianças produziu em uma mesma gravação o *perfect* do tipo resultativo e do tipo experiencial. Nesse sentido, três das quatro crianças produziram os diferentes tipos de *perfect* em momentos distintos no processo de aquisição de linguagem, o que sustenta a hipótese das autoras de dissociação entre os três tipos de *perfect* na hierarquia estrutural, conforme a proposta de Rodrigues (2019) elucidada no primeiro capítulo deste trabalho. Nesse sentido, as autoras defendem a seguinte hierarquia estrutural: UPerfP > ExPerfP > RePerfP.

No que diz respeito à aquisição de *perfect* associado ao presente no português do Brasil, Rodrigues (2019) investigou como se dá a aquisição desse aspecto a partir da classificação de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e de Comrie (1976). A autora analisou longitudinalmente os dados de uma criança adquirindo essa língua.

Conforme a classificação de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), a primeira ocorrência de *perfect* encontrada foi do tipo existencial, conforme ilustra o exemplo (34), extraído de Rodrigues (2019, p. 73). A criança tinha 2 anos e 6 meses de idade e é possível perceber a ocorrência de *perfect* existencial pois o resultado da brincadeira de montar castelos, que se iniciou no passado, é a existência de do castelo no momento presente.

(34) AC: **Doidei (montei)**. Castelo (sentença exclamativa).

A única manifestação de *perfect* universal dessa criança ocorreu aos 2 anos e 11 meses, conforme ilustrado no exemplo (35). Nesse contexto, a criança não estava efetivamente tomando remédio no momento de sua fala, mas se refere à ação de ter começado a tomar remédio no passado e essa ação persistir até o presente, o que configura a ocorrência de *perfect* universal.

(35) AC: **Tô tomando** remédio.

Na proposta de Comrie (1976), a autora observou que a criança primeiro produziu o *perfect* de resultado, aos 2 anos e 8 meses, depois, *perfect* de situação persistente, aos 2 anos e 11 meses (ocorrência única, conforme mencionado no parágrafo anterior), em seguida, *perfect* experiencial, aos 3 anos, e, finalmente, *perfect* de passado recente, aos 3 anos e 8 meses, conforme ilustram os exemplos (36), (35), (37) e (38), respectivamente.

(36) NR e AC estão desenhando. Após pintar um desenho, AC mostra o desenho para NR.

AC: Não. Olha o que **fiz**.

(37) AC: Em mim, **já bateu** isso. O ioiô.

(38) AC: Eu peguei plimeilo. Eu **acabei de pegar**.

A partir dos dados de aquisição segundo a proposta de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), a autora propõe que o nódulo de *perfect* experiencial (EPerfP) seria dominado pelo nódulo de *perfect* universal (UPerfP), visto que PU foi adquirido depois de PE. Já segundo a proposta de Comrie (1976), os dados da autora revelam que, inicialmente, a criança produziu somente sentenças de *perfect* de resultado, expandindo somente depois para produção dos outros tipos de *perfect*. Com base nesses achados, a autora defende que o traço

[resultativo] seria o mais básico quando comparado aos traços de continuação e experiência. Além disso, ela propõe a inserção do nóculo de *perfect* experiencial (ExPerfP) na árvore sintática, de acordo com a seguinte hierarquia: ExPerfP > UPerfP > EPerfP.

Rodrigues e Martins (2019) investigaram a aquisição de *perfect* no português do Brasil com base na classificação de Pancheva (2003). As autoras utilizaram os dados disponíveis em Rodrigues (2019). Primeiramente, a criança produziu *perfect* resultativo, aos 2 anos e 6 meses. Depois, houve uma ocorrência de *perfect* universal aos 2 anos e 11 meses. Finalmente, a criança produziu o *perfect* do tipo experiencial, aos 3 anos. Dessa maneira, conforme elucidado no primeiro capítulo desta monografia, as autoras propõem a existência de três nóculos na árvore sintática, um para cada tipo de *perfect*. Os resultados das autoras inspiraram a hipótese desta monografia de que, quando associado ao passado, as realizações morfossintáticas do *perfect* seguiriam a mesma ordem observada na produção do *perfect* associado ao presente: primeiro, as crianças realizariam PRes, depois, PU e, finalmente, PEx.

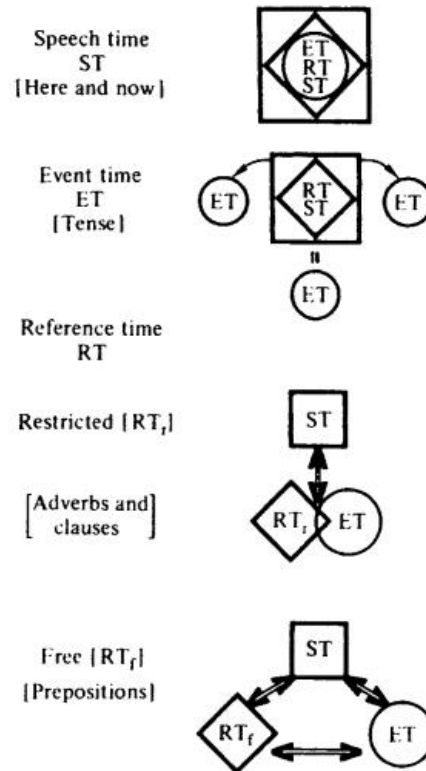
3.4 AQUISIÇÃO DE TEMPO E SUA ASSOCIAÇÃO AO *PERFECT*

O objetivo específico desta monografia é contribuir para o entendimento da aquisição dos tipos *perfect* de Pancheva (2003) quando associados ao tempo passado. Como dados dessa natureza são escassos, decidimos revisitar o trabalho de Weist (1986) acerca da aquisição de tempo, a fim de levantar hipóteses sobre como poderia ocorrer no processo de aquisição a associação do *perfect* ao tempo passado.

Weist (1986), baseado na Teoria de Reichenbach (1947),³ descreve que três pontos temporais são necessários para o desenvolvimento linguístico das crianças: *speech time* (ST), *event time* (ET) e *reference time* (RT). A partir disso, Weist (1986) propõe um esquema composto por quatro sistemas temporais que explica como noções temporais presentes na fala infantil progridem ao longo do tempo. Esse sistema está ilustrado na figura 5 abaixo:

³ De acordo com essa teoria, os morfemas de tempo podem relacionar três momentos diferentes: o ponto da fala (ST - *speech time*), ponto do evento (ET - *event time*) e ponto de referência (RT - *reference time*). Nesse sentido, esses morfemas nos permitem relacionar cronologicamente esses momentos.

Figura 5: Os sistemas temporais propostos por Weist (1986).



Fonte: extraído de Weist (1986, p. 357).

Nesse sentido, na primeira fase de aquisição da criança, conhecida como a fase do “aqui e agora”, a fala não apresenta marcas de tempo, aspecto, modo e concordância. De acordo com o autor, nessa fase, ET e RT estão fixos em ST e representam o tempo presente. Na segunda fase, a criança consegue relacionar ET como anterior, posterior ou simultâneo ao RT, sendo este simultâneo ao ST. Na terceira fase, RT assume uma forma restrita nesse sistema temporal, isto é, na medida em que RT é estabilizado como anterior ou posterior ao ST, ET é restrito à interpretação de RT. Na quarta e última fase, ST, ET e RT podem se relacionar livremente. Nesse sentido, nessa fase, a criança compreende noções de anterioridade, posterioridade e simultaneidade entre os pontos temporais de Reichenbach (1947).

No que diz respeito à aquisição de *present perfect*, o autor afirma que sua aquisição tardia diz respeito à capacidade da criança de estabelecer relações entre esses pontos temporais. Dessa maneira, o *present perfect* necessita que a criança compreenda que RT é

simultâneo ao ST e ET é anterior ao RT. O uso desse aspecto requer que o sistema cognitivo infantil compreenda que RT é independente de ST e que a criança estabeleça ET e RT em diferentes pontos do tempo.

Em contrapartida, a aquisição de *past perfect*, morfologia que veicula *perfect* associado ao passado no inglês, requer que a criança entenda a seguinte configuração temporal: ET é anterior a RT e RT é anterior a ST, conforme a configuração: ET«— RT«— ST. O autor menciona que crianças finlandesas estabeleceram esse uso na idade de 3 anos e 8 meses, ou seja, a aquisição dessa morfologia é ainda mais tardia que a de *present perfect*, uma vez que requer a relação livre desses sistemas temporais. Ou seja, essa relação é estabelecida apenas na quarta fase de aquisição proposta pelo autor. Nesse sentido, acreditamos que a aquisição de *perfect* associado ao passado no português do Brasil também ocorra de forma tardia na fala das crianças, uma vez que exige do sistema conceptual a dissociação entre os pontos temporais propostos por Reichenbach (1947).

Na próxima seção, descreveremos a metodologia utilizada neste trabalho para suprir a lacuna identificada na literatura acerca de estudos voltados especificamente para a aquisição de *perfect* associado ao passado no português do Brasil.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, discorreremos sobre a metodologia utilizada para cumprir o objetivo de investigar a emergência das realizações de *perfect* universal, resultativo e experiencial na fala de crianças adquirindo o português do Brasil. Desse modo, este capítulo está dividido da seguinte forma: na primeira seção, discutimos sobre o tipo de estudo feito, na segunda seção, discorreremos sobre o *corpus* linguístico utilizado, na terceira seção, apresentamos os sujeitos selecionados e, por último, na quarta seção, especificaremos os critérios utilizados na análise dos dados.

4.1 TIPO DE ESTUDO

Para esta monografia, optou-se por realizar um estudo de caso múltiplo longitudinal de sete crianças que estavam no processo de aquisição do português do Brasil. Estudos feitos de forma longitudinal consistem na coleta de dados linguísticos de um mesmo indivíduo, feito durante um período de tempo e de maneira periódica (Haddad, 2004). Estudos dessa natureza nos permitem observar um processo ao longo de determinado período de tempo, o que nos permite investigar mudanças nesse processo. Nesse sentido, optamos por esse tipo de estudo para que pudéssemos acompanhar o desenvolvimento linguístico das crianças selecionadas para esta pesquisa. Além disso, estudos de caso ajudam a entender melhor fenômenos sobre o qual não se tem muita informação, como é o caso do processo de aquisição de *perfect* associado ao passado. Por essa razão, optamos por realizar um estudo de caso múltiplo, a fim de extrair uma maior quantidade de informações acerca do fenômeno estudado.

4.2 O *CORPUS* LINGUÍSTICO UTILIZADO

Os dados utilizados nesta pesquisa foram retirados do *corpus* ALEGRELONG, o qual se encontra disponível na plataforma online *CHILDES*, disponível no endereço eletrônico <https://sla.talkbank.org/TBB/childes/Romance/Portuguese/AlegreLong>. O *corpus* é composto por transcrições da fala de sete crianças diferentes em processo de aquisição de linguagem. O conteúdo dessas gravações representa conversas entre o pesquisador e as crianças selecionadas na cidade de Porto Alegre (Brasil), entre os anos de 1992 e 1996. As entrevistas foram realizadas na escola dessas crianças, que frequentavam a mesma instituição, e cada sessão durava em média 30 minutos. Cada criança possui em média 14 transcrições e, para

esta pesquisa, analisamos todas as transcrições disponíveis para cada criança, o que totaliza 136.014 palavras analisadas distribuídas num total de 101 transcrições. Na próxima seção, descreveremos em maiores detalhes o perfil e os dados de cada criança analisada.

4.3 SUJEITOS SELECIONADOS

As informações sobre as crianças estudadas nesta pesquisa encontram-se no quadro a seguir. Em resumo, tem-se que: (i) as crianças tiveram, em média, 14 transcrições analisadas cada, o que corresponde a uma média de 19.431 palavras analisadas por criança, (ii) a idade média de início da análise das transcrições das crianças é de 5 anos e 2 meses e (iii) a idade média de fim da análise das crianças é de 8 anos e 6 meses.

Quadro 2: Informações sobre as crianças estudadas nesta monografia.

Criança analisada	Idade de início das gravações	Idade de término das gravações	Quantidade de gravações (todas foram analisadas)	Quantidade de palavras no total
Alexandra	4 anos e 8 meses	8 anos e 6 meses	18	20.480
Camila	4 anos e 11 meses	8 anos e 9 meses	14	20.380
Carmela	4 anos e 3 meses	8 anos e 5 meses	18	22.825
Gabriel	5 anos e 5 meses	9 anos	15	24.936
Matheus	6 anos e 2 meses	9 anos	13	18.079
Natalia	5 anos e 4 meses	8 anos e 10 meses	15	18.590
Rodrigo	5 anos e 5 meses	7 anos e 7 meses	8	10.724

Fonte: elaboração própria.

4.4 A ANÁLISE DE DADOS

No que diz respeito à análise de dados das transcrições disponíveis no *corpus* linguístico, consideramos todas as realizações morfossintáticas que veiculam os tipos de *perfect* de Pancheva (2003), ou seja, consideramos todas realizações morfológicas e adverbiais descritas por Sant’Anna (2021) como veiculadoras de *perfect* associado ao passado no português do Brasil.

Considerando que algumas morfologias descritas por Sant’Anna (2021) também veiculam outros aspectos gramaticais, buscamos verificar através do contexto da transcrição se a criança estava, de fato, expressando o *perfect* associado ao passado. Por exemplo, a morfologia de pretérito perfeito descrita por Sant’Anna (2021) como veiculadora de PRes e PEx também veicula a noção gramatical de perfectividade (Comrie, 1976) e, por essa razão, uma análise mais aprofundada do contexto da produção foi necessária para nos certificarmos de que a criança estava fazendo referência ao *perfect*, ou seja, a dois pontos no tempo relacionados na fronteira PTS, e não a uma situação como um todo na linha temporal, que corresponde à noção de perfectividade (Comrie, 1976). Assim, a fim de garantir que o dado em questão poderia ser de fato considerado uma ocorrência de *perfect*, nos ancoramos amplamente na produção pelas crianças de advérbios / expressões adverbiais veiculadores dos tipos de *perfect* descritos na seção 2.2.4 do capítulo 2.

A fim de buscar responder as perguntas de pesquisa apresentadas na introdução desta monografia, analisamos os resultados e contabilizamos os dados da seguinte maneira. Primeiramente, verificamos a quantidade de dados veiculadores de cada tipo de *perfect* estudado associado ao passado produzida por todas as crianças somadas e por cada criança individualmente. Em seguida, descrevemos e analisamos a primeira de cada uma das realizações morfossintáticas empregadas na veiculação de cada tipo de *perfect* associado ao passado produzida por cada criança; para tanto, consideramos como realizações morfossintáticas diferentes, por exemplo, a produção de uma dada morfologia associada a um advérbio ou expressão adverbial de *perfect* específica, a realização dessa mesma morfologia associada a outro advérbio ou expressão adverbial de *perfect* e a produção dessa mesma morfologia desassociada de tal advérbio ou expressão adverbial. Na sequência, contabilizamos quantas vezes cada uma das realizações morfossintáticas empregadas por cada criança na veiculação dos tipos de *perfect* associado ao passado foi utilizada no total das amostras de cada criança, bem como verificamos o total de realizações morfossintáticas para cada tipo de *perfect* somando-se as realizações das sete crianças. Por fim, descrevemos e comparamos a idade da primeira produção de cada tipo de *perfect* associado ao passado pelas crianças.

Dito isso, no próximo capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa.

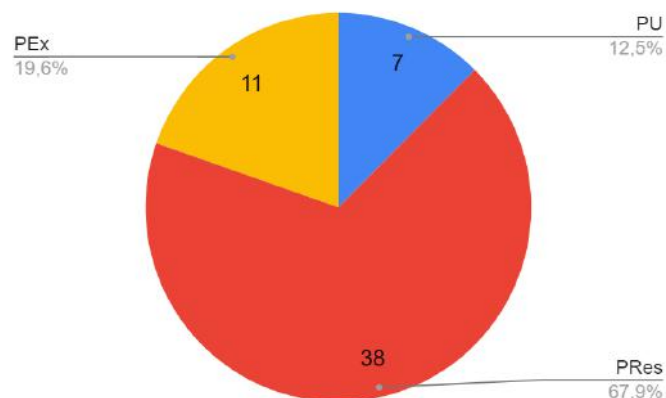
5 RESULTADOS E ANÁLISES

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir da metodologia exposta no capítulo anterior, assim como a análise desses resultados. Na primeira seção, apresentamos os resultados referentes ao total de realizações de PU, PRes e PEx. Na seção seguinte, descrevemos os resultados referentes à primeira ocorrência das realizações morfossintáticas desses tipos de *perfect*. Adiante, na seção 5.3, evidenciamos os resultados referentes ao total das diferentes realizações morfossintáticas dos tipos de *perfect*. Após isso, detalhamos os resultados longitudinais com o momento de emergência dos tipos de *perfect*. Por fim, na última seção, algumas discussões sobre os resultados são feitas.

5.1. RESULTADOS REFERENTES AO TOTAL DE REALIZAÇÕES DOS TIPOS DE *PERFECT*

Ao longo de 101 transcrições disponibilizadas no *corpus CHILDES*, foram encontradas 56 ocorrências de *perfect* associado ao passado. Mais especificamente, encontramos 38 ocorrências de *perfect* resultativo (PRes), que correspondem a 67,9% dos resultados totais, 11 ocorrências de *perfect* experiencial (PEx), que correspondem a 19,6% dos resultados totais e 7 ocorrências de *perfect* universal (PU), que correspondem a 12,5% dos resultados totais. No gráfico abaixo, sistematizamos essas quantidades. Todas as ocorrências de PU, PRes e PEx estão ilustradas nos Apêndices A, B e C desta monografia, respectivamente. Nos parágrafos a seguir, descreveremos a quantidade de cada subtipo de *perfect* encontrado para cada participante.

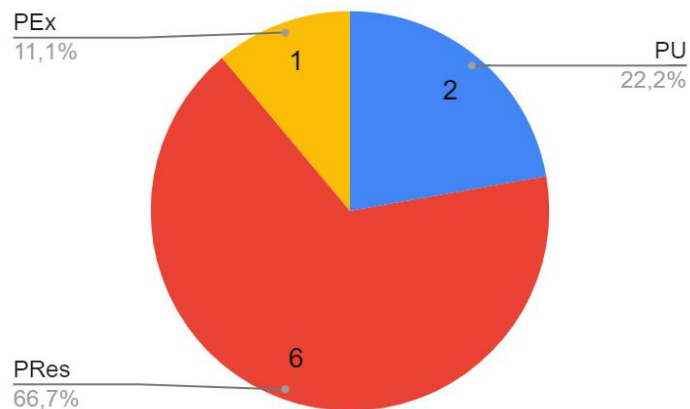
Gráfico 1: Quantidade de ocorrências de cada tipo de *perfect* encontradas no *corpus*.



Fonte: elaboração própria.

A participante Alexandra produziu, ao longo de 18 transcrições, 6 ocorrências de PRes, que correspondem a 66,7% dos resultados totais, 2 ocorrências de PU, que correspondem a 22,2% dos resultados totais e 1 ocorrência de PEx, que corresponde a 11,1% dos resultados totais. O gráfico a seguir mostra a proporção de tipos de *perfect* produzidos por Alexandra segundo a classificação de Pancheva (2003):

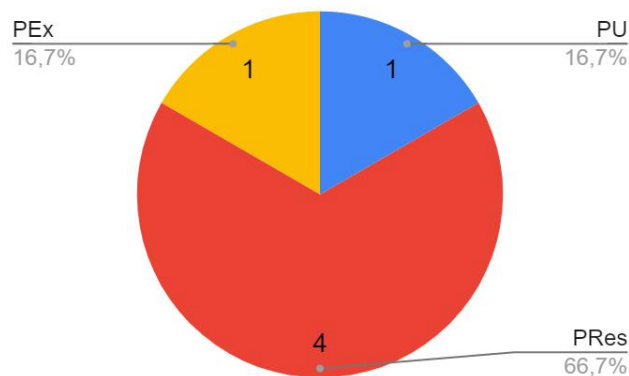
Gráfico 2: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* nos dados de Alessandra.



Fonte: elaboração própria.

A participante Camila produziu, ao longo de 14 transcrições, 4 ocorrências de PRes, que correspondem a 66,7% dos resultados totais, 1 ocorrência de PU, que corresponde a 16,7% dos resultados totais, e 1 ocorrência de PEx, que corresponde a 16,7% dos resultados. O gráfico a seguir apresenta a quantidade de tipos de *perfect* produzidos por Camila segundo a classificação de Pancheva (2003):

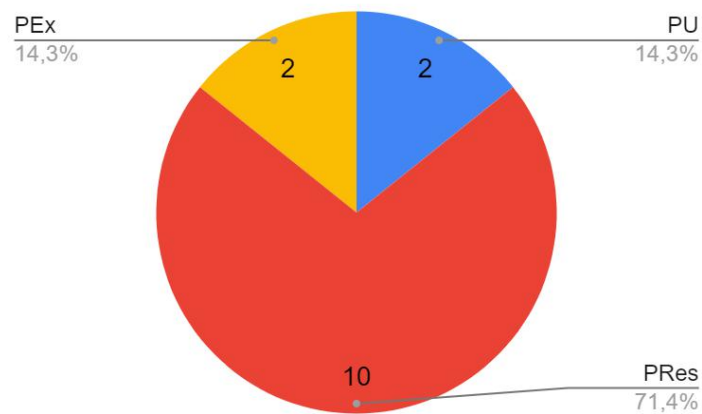
Gráfico 3: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* nos dados de Camila.



Fonte: elaboração própria.

A participante Carmela produziu, ao longo de 18 transcrições, 10 ocorrências de PRes, que correspondem a 71,4% dos resultados totais, 2 ocorrências de PU, que correspondem a 14,3% dos resultados totais e 2 ocorrências de PEx, que correspondem a 14,3% dos resultados totais. O gráfico a seguir apresenta a quantidade de tipos de *perfect* produzidos por Carmela segundo a classificação de Pancheva (2003):

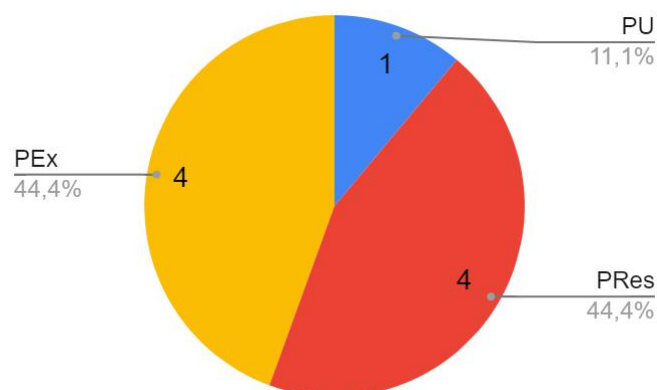
Gráfico 4: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* nos dados de Carmela.



Fonte: elaboração própria.

O participante Gabriel produziu, ao longo de 15 transcrições, 4 ocorrências de PRes, que correspondem a 44,4% dos resultados totais, 4 ocorrências de PEx, que correspondem a 44,4% dos resultados totais e 1 ocorrência de PU, que corresponde a 11,2% dos resultados totais. O gráfico a seguir apresenta a quantidade de tipos de *perfect* produzidos por Gabriel segundo a classificação de Pancheva (2003):

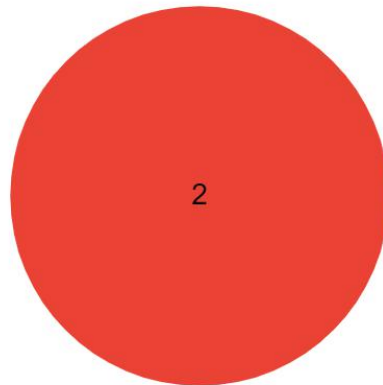
Gráfico 5: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* nos dados de Gabriel.



Fonte: elaboração própria.

O participante Matheus, ao longo de 13 transcrições, produziu apenas 2 ocorrências de PRes, que correspondem a 100% dos resultados totais. Não encontramos para esse participante ocorrências de PEx e PU. O gráfico a seguir apresenta a quantidade de tipos de *perfect* produzidos por Matheus segundo a classificação de Pancheva (2003):

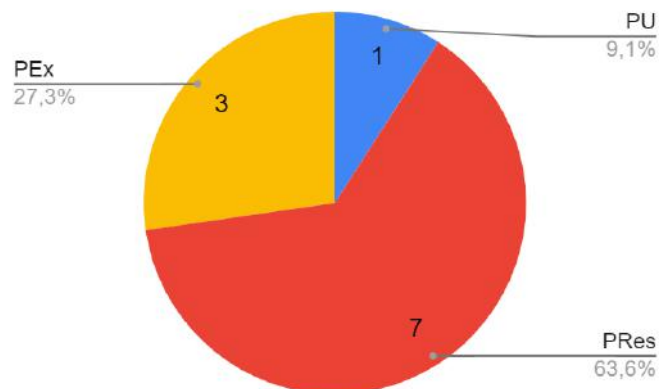
Gráfico 6: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* para Matheus.



Fonte: elaboração própria.

A participante Natalia produziu, ao longo de 15 transcrições, 7 ocorrências de PRes, que correspondem a 63,6% dos resultados totais, 3 ocorrências de PEx, que correspondem a 27,3% dos resultados totais e 1 ocorrência de PU, que corresponde a 9,1% dos resultados totais. O gráfico a seguir apresenta a quantidade de tipos de *perfect* produzidos por Natalia segundo a classificação de Pancheva (2003):

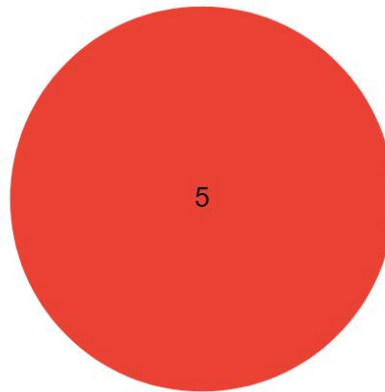
Gráfico 7: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* nos dados de Natalia.



Fonte: elaboração própria.

O participante Rodrigo produziu, ao longo de 8 gravações, apenas 5 ocorrências de PRes, que correspondem a 100% dos resultados totais. O gráfico a seguir apresenta a quantidade de tipos de *perfect* produzidos por Rodrigo segundo a classificação de Pancheva (2003):

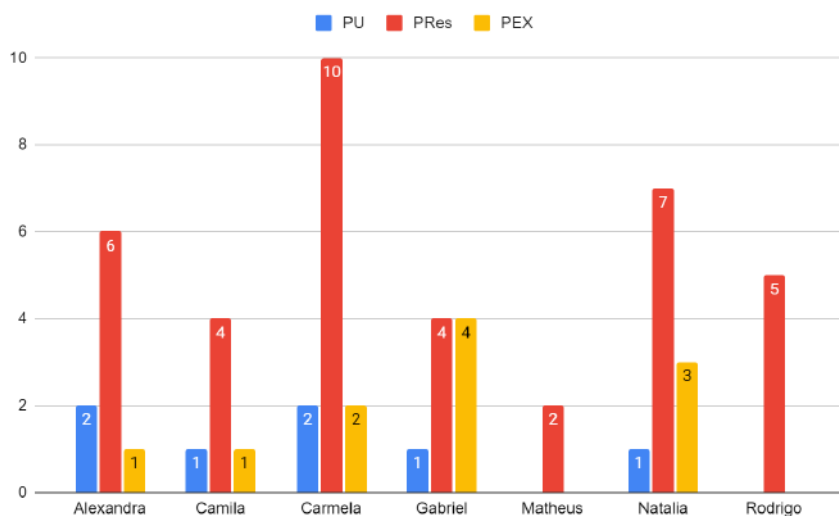
Gráfico 8: Quantidade de ocorrências dos tipos de *perfect* nos dados de Rodrigo.



Fonte: elaboração própria.

No gráfico a seguir, sistematizamos as informações descritas nos parágrafos acima. Apresentamos a quantidade de produções de cada tipo de *perfect* segundo a descrição de Pancheva (2003) para cada um dos sete participantes estudados nesta pesquisa. Destacamos que o PRes foi o mais produtivo entre praticamente todos os participantes, havendo apenas a mesma quantidade de realizações de PRes e PEx nos dados de Gabriel.

Gráfico 9: Quantidade total de ocorrências dos tipos de *perfect* para cada participante.



Fonte: elaboração própria.

5.2 RESULTADOS REFERENTES À PRIMEIRA OCORRÊNCIA DAS REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DOS TIPOS DE *PERFECT*

5.2.1 *Perfect universal*

No capítulo 1 desta monografia, verificamos que o *perfect universal* refere-se a situações que iniciaram em um ponto no passado e persistiram até outro ponto do tempo (Pancheva, 2003). No caso de PU associado ao passado, ambos os pontos são anteriores ao momento da fala. De acordo com Sant’Anna (2021), as morfologias que veiculam essa leitura aspectual são: o pretérito imperfeito e a perífrase formada por “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio. Quanto aos advérbios, essa mesma autora elencou “ainda”, “sempre” e a expressão adverbial “há x tempo” como veiculadores de PU associado ao passado. Além disso, como pontuado no capítulo 2 desta monografia, de acordo com Nespoli (2018), os advérbios “sempre”, “nunca”, “ainda” e a expressão adverbial “até X tempo” marcam ambas as fronteiras esquerda e direita.

Com base nisso, observamos que a primeira ocorrência de PU associado ao passado da participante Alexandra ocorreu aos 8 anos utilizando a morfologia de pretérito imperfeito + advérbio “sempre”. No exemplo (39) ilustramos essa ocorrência. Percebemos que o evento de “brincar” inicia-se na fronteira à esquerda do intervalo PTS e sua continuidade é delimitada pelo advérbio “sempre”, que estende-se até a fronteira à direita desse intervalo. Tanto a fronteira à esquerda quanto à direita são anteriores ao momento de fala e sua persistência de um ponto a outro garante a veiculação de PU associado ao passado. Não encontramos ocorrências de PU associado ao passado com a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio para essa participante. Além disso, o advérbio “sempre” foi o único utilizado para veicular esse valor aspectual.

(39) [...] então olha que maluca a vovó Rita ela **sempre brincava** com as crianças de noite e não dormiam para brincar.

A primeira e única ocorrência de PU associado ao passado para Camila ocorreu aos 8 anos e 3 meses utilizando a morfologia de pretérito imperfeito combinada ao advérbio “sempre”, conforme o exemplo (40).

(40) tá@i [<] era uma vez um papagaio e uma mulher que **sempre passava** por lá daí quando a mulher passou o [/] o pagagaio <ficou dizendo> [//] sempre ficou dizendo +"/.

CHI: +" "passei o dia inteiro procurando tu procurando tu"

Consideramos a ocorrência acima como veiculadora de PU associado ao passado por ela fazer emergir o intervalo PTS. Dessa maneira, conseguimos estabelecer a noção de continuidade entre dois pontos no tempo. Mais especificamente, o evento de “passar por lá” inicia-se no ponto mais à esquerda do intervalo PTS (momento do evento) e continua até a fronteira à direita (momento de referência) desse intervalo. Além disso, o advérbio “sempre” marca ambas essas fronteiras. Uma vez que o momento do evento persiste até o momento de referência, sendo ambos anteriores ao momento da fala, a ocorrência expressa a veiculação de PU associado ao passado. Não foram encontradas ocorrências de PU associado ao passado com a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio para essa participante. Além disso, o advérbio “sempre” foi o único encontrado nas ocorrências veiculando esse valor aspectual.

Carmela teve sua primeira ocorrência de PU associado ao passado aos 4 anos e 9 meses, com a utilização da morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, acompanhada da expressão adverbial “desde X tempo”, ilustrado no exemplo (41) abaixo. Além disso, aos 6 anos e 9 meses, a participante utilizou a morfologia de pretérito imperfeito + o advérbio “sempre”, conforme exemplo (42). Ambas as ocorrências fazem emergir o intervalo PTS e os pontos nesse intervalo são anteriores ao momento da fala, garantindo a veiculação de PU associado ao passado. Em (41), por exemplo, o início do evento de “fazer algo lá em cima” é delimitado pela expressão adverbial “desde que a gente chegou” (“desde X tempo”), que especifica a fronteira à esquerda do intervalo PTS. Nota-se que o evento de “fazer algo lá em cima” estende-se até a fronteira à direita do intervalo PTS. Ambas as fronteiras do intervalo PTS situam-se antes do momento da fala e verifica-se a continuidade do evento ao longo desse intervalo. Dessa maneira, podemos afirmar que é uma ocorrência de PU associado ao passado.

(41) é que a gente **des(de) que a gente chegou** a gente já **(es)tava** lá lá em cima **fazendo** [//] lá [//] faz [//] lá não fazer [?] arte né@.

(42) [...] la ãhn@i (.) ãhn@i ela [/] ela **sempre botava** o chapéu e todo mundo diz [//] chamava ela de Chapeuzinho_Vermelho... [...]

Gabriel produziu sua primeira ocorrência de PU associado ao passado aos 6 anos e 11 meses utilizando a morfologia de pretérito imperfeito + advérbio “sempre”, como mostra o exemplo (43). Nesse exemplo, o evento de “olhar para outra coisa” localiza-se na fronteira à esquerda do intervalo PTS. Há, também, a presença do advérbio “sempre”, que marca tanto a fronteira esquerda quanto a direita. Tais fronteiras são anteriores ao momento de fala e sua continuidade de um ponto a outro garante a veiculação de PU associado ao passado. Não foram encontradas ocorrências de PU associado ao passado com a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio para esse participante. Além disso, o advérbio “sempre” foi o único encontrado nas ocorrências veiculando esse subtipo de *perfect*.

(43) no banquinho do piano tem roda né@i e gira e cada vez que girava mais eu bebia água olhando pro [: para o] copo eu **sempre olhava** pra outra coisa.

Natalia teve sua primeira e única ocorrência de PU associado ao passado aos 7 anos e 3 meses. Essa ocorrência é demonstrada abaixo em (44). A criança utilizou a morfologia de pretérito imperfeito + o advérbio “ainda”. Nesse contexto, a situação de “ser criança” inicia-se em um ponto do tempo localizado na fronteira à esquerda e persiste até o momento de referência. Além disso, temos o advérbio “ainda”, que marca a fronteira esquerda e direita. A continuidade da situação de um ponto a outro, em que ambos são anteriores ao momento da fala, garantem a interpretação de PU associado ao passado. Nos dados dessa participante não foram encontradas ocorrências de PU associado ao passado com a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio. Além disso, o advérbio “ainda” foi o único encontrado nas ocorrências de Natalia veiculando esse subtipo de *perfect*.

(44) um dia [//] (.) o tio do Simba era muito mau ele queria (.) ser o rei mas o pai do Simba tinha morrido e daí o Simba que tinha quando o Simba **ainda era** criança.

Por fim, destacamos que não foram encontradas ocorrências de PU associado ao passado produzidas pelos participantes Rodrigo e Matheus.

A seguir, apresentamos um quadro com a sistematização da primeira ocorrência de cada realização morfossintática de PU associado ao passado por cada criança, de acordo com suas respectivas idades. Em negrito, destacamos a idade de produção da primeira realização morfossintática para expressar PU associado ao passado de cada participante.

Quadro 3: Primeiras ocorrências de cada morfologia veiculadora de *perfect* universal e idades das crianças.

Criança	Pretérito imperfeito	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Sempre” + pretérito imperfeito	“Desde x tempo” + “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Ainda” + Pretérito imperfeito
Alexandra	-	-	8;0	-	-
Camila	-	-	8;3	-	-
Carmela	-	-	6;9	4;9	-
Gabriel	-	-	6;11	-	-
Matheus	-	-	-	-	-
Natalia	-	-	-	-	7;3
Rodrigo	-	-	-	-	-

Fonte: elaboração própria.

Como sistematizado no quadro 3 acima, todas as crianças que produziram PU associado ao passado no *corpus* utilizaram algum advérbio ou expressão adverbial para expressar a primeira ocorrência de PU. Além disso, quatro dessas cinco crianças utilizaram a morfologia de pretérito imperfeito. Mais especificamente, Alexandra, Camila e Gabriel utilizaram a morfologia de pretérito imperfeito com o advérbio “sempre” e Natalia utilizou essa morfologia combinada ao advérbio “ainda”. Carmela foi a única participante a produzir em sua primeira ocorrência de PU associado ao passado a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio combinada à expressão adverbial “desde x tempo”.

5.2.2 *Perfect* resultativo

O *perfect* resultativo, como verificamos no capítulo 1 desta monografia, refere-se a um evento que foi finalizado em um ponto no tempo e que expressa resultados em um ponto posterior (Pancheva, 2003). Quando associado ao tempo passado, ambos os pontos no tempo

são anteriores ao momento da fala. Sant’Anna (2021) descreveu as seguintes morfologias para veiculação de PRes associado ao passado no português do Brasil: pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito simples e “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo. Além disso, a autora destacou o advérbio “já” e a expressão adverbial “ainda não” como prototípicos para expressão de PRes associado ao passado. Nos dados desta monografia, apenas foram encontradas realizações de PRes por meio das morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto com o auxiliar “ter” e pretérito perfeito.

Os dados da participante Alexandra mostram que a primeira ocorrência de *perfect* resultativo ocorreu quando ela tinha 5 anos e 11 meses através da morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto, como mostra o exemplo (45). Além disso, aos 7 anos e 2 meses, a criança produziu uma ocorrência utilizando a expressão adverbial “ainda não” associado ao pretérito mais-que-perfeito composto, conforme ilustra o exemplo (46).

(45) o menino ficou muito brabo porque ele quebrou o pote que a mãe dele **tinha dado** pra ele (.)

(46) [...] daí a bruxa insistiu [/] insistiu e aí ela acabou deixando a Rapunzel mesmo ela **não tinha dado** nome *ainda* <pra Rap> [/] pra a menininha que nasceu.

Classificamos tais ocorrências como veiculadoras de PRes associado ao passado pois verificamos uma relevância da situação ocorrida em um ponto anterior no tempo em um ponto posterior, sendo ambos esses pontos anteriores ao momento da fala. No dado presente em (45), por exemplo, o momento do evento de “dar o pote para ele” termina antes do momento de referência “quebrar o pote” e ambos ocorrem antes do momento da fala. Além disso, o momento do evento possui efeitos relevantes no momento de referência. Em outras palavras, classificamos tal ocorrência como expressão de PRes pois a relação entre os dois pontos no tempo se dá pela noção de resultatividade do primeiro evento expressa no segundo ponto no tempo, ou seja, entende-se que o menino possui o pote no momento de referência. Não encontramos a veiculação de PRes associado ao passado através da morfologia de pretérito perfeito por essa participante.

A primeira ocorrência de PRes da participante Camila ocorreu aos 6 anos e 5 meses com a utilização da morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Essa ocorrência está ilustrada no dado (47). Ressaltamos que, para essa participante, não foram encontrados dados

de PRes associado ao passado com a utilização da morfologia de pretérito perfeito ou com a utilização de advérbio ou expressão adverbial.

(47) la encontrou [//] obedeceu a mãe foi daí ela chegou lá bateu na porta ponponpon@o <e o> [/] e o Lobo **tinha comido** a vovozinha daí.

Classificamos esse dado como PRes associado ao passado pois ambos os pontos no tempo, momento do evento e momento de referência, são anteriores ao momento da fala e o momento do evento possui efeitos no momento de referência. Mais especificamente, o evento de “comer a vovozinha” termina antes do momento de referência marcado pelo evento de “chegar e bater na porta”. Além disso, entende-se que a vovozinha está comida no momento de referência e temos, assim, a caracterização de PRes associado ao passado.

A participante Carmela produz sua primeira ocorrência de PRes aos 6 anos e 5 meses utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto, ilustrado na ocorrência (48). Aos 6 anos e 9 meses, temos a primeira ocorrência da criança utilizando algum advérbio, o advérbio “já” associado à morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto, conforme o dado em (49). Classificamos ambas as ocorrências como PRes associado ao passado, uma vez que o momento do evento e o momento de referência são anteriores ao momento da fala e, além disso, o primeiro ponto no tempo produz um efeito resultante no segundo. Em (48), o momento do evento de “cortar a orelha do rei” termina antes do momento de referência de “ele não ver”. Mais especificamente, classificamos essa ocorrência como PRes associado ao passado pois o momento do evento produz um resultado no momento de referência, ou seja, entende-se que a orelha está cortada no momento de referência. Para essa participante, não foram encontrados dados de PRes associado ao passado com a utilização da morfologia de pretérito perfeito.

(48) um dia um homem (es)tava cortando o cabelo do rei daí ele não viu e **tinha cortado** a orelha do rei.

(49) [...] daí vai indo indo indo daí quando ela chegou na casa da vovó daí o lobo **tinha já chegado** porque ele [/] ele foi primeiro do que a Chapeuzinho [...].

O participante Gabriel tem sua primeira ocorrência de PRes associado ao passado aos 7 anos e 7 meses, utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito. Aos 8 anos e 6 meses, temos a utilização da morfologia de pretérito perfeito combinada com o advérbio “já”.

Ambos os dados são expressos em (50) e (51), respectivamente. Classificamos ambas as ocorrências como PRes associado ao passado pois ambos os pontos no tempo, momento do evento e momento de referência, são anteriores ao momento da fala e o primeiro ponto expressa um resultado no segundo ponto. Em (50), o momento do evento de “sair” termina antes do momento de referência marcado por “quando ela voltou”. Além disso, o momento do evento produz um resultado no momento de referência, ou seja, a professora está ausente no momento de referência.

(50) tá@i (.) a professora ela **tinha saído** da sala daí quando ela voltou ela chamou todos os meus colegas e eu né@.

(51) a gente (es)tava vendo no meio do filme daí ligaram dizendo pra [/] pra [//] daí o telefone bateu era do hospital dizendo que o nenê **já nasceu**.

Para o participante Matheus, encontramos no *corpus* sua primeira ocorrência de PRes aos 7 anos e 4 meses, com a utilização da morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Não foram encontradas ocorrências com a morfologia de pretérito perfeito e com a utilização de advérbios. Classificamos o dado em (52) como PRes associado ao passado, uma vez que o momento do evento de “desaparecer” termina antes do momento de referência dado pelo evento de “o guri acordar” e ambos os pontos são anteriores ao momento da fala. Além disso, o momento do evento produz um resultado no momento de referência. Mais especificamente, é possível dizer que, no momento de referência, o sapo está desaparecido.

(52) quando o> [/] quando o guri e o cachorro dormiu [: dormiram] o sapo saiu e daí quando o guri acordou ele **tinha desaparecido**.

A primeira ocorrência de PRes associado ao passado encontrada no *corpus* da participante Natalia ocorreu aos 6 anos e 6 meses, com a utilização da morfologia de pretérito perfeito associado ao advérbio “já”, ilustrado no exemplo (53). Além disso, aos 6 anos e 11 meses, encontramos uma ocorrência de PRes utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com o advérbio “já”, conforme mostra o dado em (54). Classificamos ambas as ocorrências como PRes pois os momentos de evento e de referência são anteriores ao momento de fala e o primeiro ponto produz um resultado no segundo. Na ocorrência (53), o momento do evento de “fazer o casulo” é anterior ao momento de referência marcado pelo evento de “achar uma lagarta” e o momento do evento expressa um

resultado no segundo ponto no tempo. Dessa maneira, é possível postular que o casulo existe ou está feito no momento de referência. Além disso, ressaltamos a utilização do advérbio “já” em ambas ocorrências abaixo, o que enfatiza a marcação de anterioridade do momento do evento.

(53) a gente <a a> [/] a [//] uma professora que estuda lá na escola da Cida achou uma [/] uma lagarta (...) que essa lagarta <**já fez** o casulo> [!] lá na nossa sala (.)

(54) aí [/] aí a mãe levou ela pra casa que **já tinha terminado** (.) e ela foi brincar e descosturou.

Por fim, o participante Rodrigo, aos 5 anos e 10 meses, produziu a primeira ocorrência de PRes associado ao passado, utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Também, aos 7 anos e 7 meses, temos sua primeira ocorrência de PRes utilizando o advérbio “já” associado à morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Ambas as ocorrências estão ilustradas nos dados em (55) e (56), respectivamente. Classificamos tais ocorrências como PRes associado ao passado pois ambos os momentos de evento e de referência são anteriores ao momento da fala. Além disso, o momento do evento produz um resultado no momento de referência. Em (54), o momento do evento de “mudar” é anterior ao momento de referência de “ele dizer sobre a mudança”. No contexto, a criança está mencionando uma ida ao zoológico. Entende-se que o momento do evento produz um resultado no momento de referência, uma vez que se entende que, no momento de referência, o zoológico está diferente.

(55) **INV:** e tu notou [: notaste] alguma diferença da outra vez que tu foi [: foste] pra agora ?

CHI: ah sim ele disse que não **tinha mudado** e agora mudou.

(56) que ele **já tinha esquecido** a espada daí [/] daí [/] daí o irmão do [//] ele esqueceu da espada dele daí ele pediu pro Artur ir buscar.

Salientamos que, na análise de dados de PRes associado ao passado, utilizamos o critério de definitude do artigo do sintagma determinante complemento do verbo apresentado em Sant’Anna, Martins e Gomes (2020). Esses autores argumentaram que o artigo definido ou indefinido que introduz o sintagma determinante complemento do verbo contribui para a leitura de PRes ou PEx da sentença. Nesse sentido, determinantes definidos parecem

influenciar na leitura de resultatividade de uma sentença, enquanto determinantes indefinidos parecem favorecer a leitura de experiência. Assim, esse critério foi utilizado na análise das ocorrências (47), (48), (53) e (56)⁴ como mecanismo para garantir a expressão da leitura de resultatividade.

A seguir, apresentamos um quadro com uma sistematização das informações apresentadas nos parágrafos acima. Colocamos em **negrito** a idade da primeira realização morfossintática utilizada por cada criança para expressar PRes associado ao passado.

Quadro 4: Primeiras ocorrências de cada morfologia veiculadora de *perfect* resultativo e idade das crianças.

Criança	Pretérito mais-que-perfeito composto	“Ainda não” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito perfeito	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
Alexandra	5;11	7;2	-	-
Camila	6;5	-	-	-
Carmela	6;5	-	-	6;9
Gabriel	7;7	-	8;6	-
Matheus	7;4	-	-	-
Natalia	-	-	6;6	6;11
Rodrigo	5;10	-	-	7;7

Fonte: elaboração própria.

Com base nesses dados, destaca-se que seis das sete crianças utilizaram a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto sem a presença de advérbios como a primeira realização morfossintática para expressar PRes associado ao passado. Apenas Natalia utilizou

⁴ (47) la encontrou [//] obedeceu a mãe foi daí ela chegou lá bateu na porta ponponpon@o <e o> [//] e o Lobo **tinha comido** [a vovozinha] daí.

(48) um dia um homem (es)tava cortando o cabelo do rei daí ele não viu e **tinha cortado** [a orelha] do rei.

(53) a gente <a a> [//] a [//] uma professora que estuda lá na escola da Cida achou uma [//] uma lagarta (...) que essa lagarta <**já fez** [o casulo]> [!] lá na nossa sala (.)

(56) que ele **já tinha esquecido** [a espada] daí [//] daí [//] daí o irmão do [//] ele esqueceu da espada dele daí ele pediu pro Artur ir buscar.

primeiro a morfologia de pretérito perfeito combinado ao advérbio “já” para veicular PRes associado ao passado.

5.2.3 *Perfect* experiencial

Conforme descrito no capítulo 1 desta monografia, o *perfect* experiencial diz respeito a um evento que terminou em um ponto mais anterior na linha temporal e reflete alguma experiência em um ponto posterior. Por tratar de sua associação ao tempo passado, ambos os pontos no tempo são anteriores ao momento da fala. Sant’Anna (2021) descreve as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito simples como veiculadoras de PEx associado ao passado. Nos dados desta pesquisa, só foram encontradas ocorrências com o pretérito mais-que-perfeito com o auxiliar “ter” e com o pretérito perfeito. Além disso, Sant’Anna (2021) elenca os advérbios “já”, “ainda não” e “nunca” como prototípicos de PEx associado ao passado.

Aos 8 anos e 4 meses, a participante Alexandra produziu sua primeira e única ocorrência de PEx, utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com o advérbio “já”, exemplificado no exemplo (57). Classificamos essa ocorrência com PEx associado ao passado pois é possível perceber que a relação de um ponto no passado com outro ponto, também no passado, é atribuída a partir da noção de experiência do primeiro evento expressa no segundo ponto no tempo. O momento do evento de “ler aquele monte de livros” produz uma experiência no momento de referência, que é delimitado pelo advérbio “já”, sendo ambos anteriores ao momento da fala. Além disso, a leitura de experiência é reforçada pelo advérbio “já”, mantido no momento de referência.

(57) **INV:** tu disseste pra mim que aquele monte de livro(s) (.) <que (es)tá lá em cima> [$>$].

CHI: <eu já tinha lido>

De maneira similar, Camila produz uma única realização de PEx associado ao passado. Aos 8 anos, a criança utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto associado ao advérbio “já” para veicular essa leitura aspectual, como nos mostra o exemplo (58). Nessa ocorrência, o momento do evento de “ir ao aeroporto” termina antes do momento de referência, delimitado pelo advérbio “já”, e ambos são anteriores ao momento da fala, o

que caracteriza *perfect* associado ao passado. Mais especificamente, classificamos essa ocorrência como PEx pois o evento de “ir ao aeroporto” reflete uma experiência no segundo ponto no tempo. Ressaltamos que a leitura de experiência é reforçada pelo advérbio “já”, mantido no momento de referência.

(58) INV: já tinha [: tinhas] ido no aeroporto ?

CHI: no aeroporto eu **já tinha ido** com o meu tio.

A primeira ocorrência de PEx da participante Carmela ocorreu aos 7 anos e 7 meses, utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto associado ao advérbio “já” conforme o exemplo (59). Nos dados do *corpus* dessa criança, só encontramos PEx sendo veiculado através dessa morfologia e desse advérbio. Classificamos essa ocorrência como PEx associado ao passado pois ambos os momentos do evento e de referência são anteriores ao momento da fala e a relação estabelecida entre os dois pontos no tempo é delineada pela noção de experiência. O momento do evento de “contar uma história” é anterior ao momento de referência delimitado pelo advérbio “já” e o primeiro ponto no tempo reflete uma experiência no segundo ponto no tempo. Como nos exemplos (57) e (58), ressaltamos a presença do advérbio “já” garantindo a leitura de uma experiência no segundo ponto no tempo.

(59) <posso te> [<] contar uma história que eu **já tinha te contado** não sei quando não sei se tu se lembra [: lembrás]

O participante Gabriel produz uma única realização de PEx, aos 6 anos e 5 meses, apresentada no dado (60). A criança utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. No contexto abaixo, a criança refere-se à ação de ter contato uma história infantil anteriormente. Classificamos essa ocorrência como PEx associado ao passado pois o momento do evento de “contar” acontece antes de um momento de referência não especificado na sentença e a relação entre os dois pontos no tempo se dá porque “contar uma história” representa uma experiência no momento de referência.

(60) INV: ah mas tem [/] tem [: tens] que ler .

CHI: ah que que eu **tinha contado** mesmo a [/] a <não não> [/] não ?

Natalia, por sua vez, produziu sua primeira ocorrência de PEx associado ao passado aos 7 anos e 3 meses utilizando a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. A ocorrência ilustrada em (61) é classificada como PEx associado ao passado pois o momento do evento de “gostar” acontece antes do momento de referência de “não entender” e o momento do evento reflete uma experiência no momento de referência. Isto é, o fato de não gostar de algo é uma experiência que se mantém no momento de referência. Além disso, ambos os pontos no tempo são anteriores ao momento da fala, o que caracteriza *perfect* associado ao passado.

(61) [...] aí <o Simba> [/] (.) o Simba não **tinha gostado** por que ele não entendeu (.) [...]

Não foram encontrados dados de ocorrência de PEx associado ao passado no *corpus* dos participantes Matheus e Rodrigo. A seguir, no quadro 5, apresentamos uma sistematização das primeiras ocorrências de cada realização morfossintática veiculadora de *perfect* experiencial associado ao passado. Em negrito, destacamos a idade de realização da primeira ocorrência de PEx associado ao passado produzida por cada criança que realizou esse tipo de *perfect*.

Quadro 5: Primeiras ocorrências de cada morfologia veiculadora de *perfect* experiencial e idade das crianças.

Criança	Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
Alexandra	-	8;4
Camila	-	8;0
Carmela	-	7;7
Gabriel	6;5	-
Matheus	-	-
Natalia	7;3	-
Rodrigo	-	-

Fonte: elaboração própria.

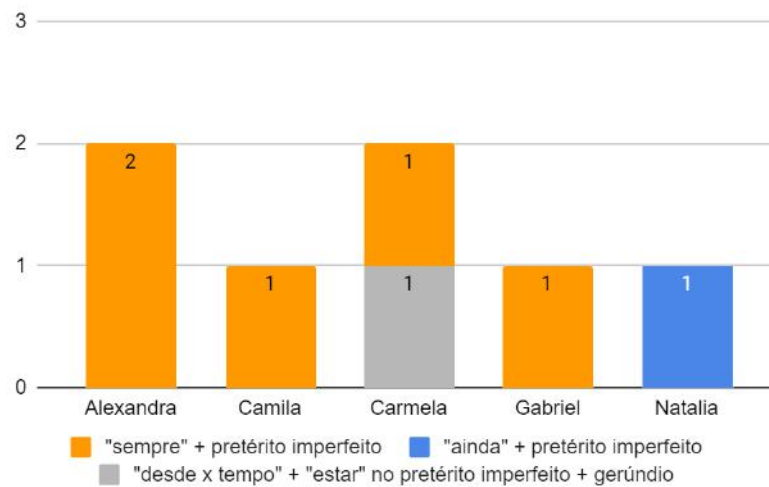
Destacamos que todas as crianças utilizaram apenas a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto (com ou sem advérbio) para veicular sua primeira ocorrência de PEx associado ao passado. Mais especificamente, Alexandra, Camila e Carmela utilizaram essa morfologia combinada ao advérbio “já”. Gabriel e Natalia utilizaram essa morfologia sem advérbio.

5.3 RESULTADOS REFERENTES AO TOTAL DAS DIFERENTES REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DOS TIPOS DE *PERFECT*

5.3.1 *Perfect universal*

Quanto às realizações morfossintáticas utilizadas pelos participantes para veicular PU, encontramos, nos dados de Alessandra, apenas a utilização do advérbio “sempre” associado à morfologia de pretérito imperfeito, em suas 2 ocorrências. Nos dados de Camila, em sua única ocorrência de realização de PU, verificamos o advérbio “sempre” + pretérito imperfeito. Nos dados de Carmela, identificamos a expressão adverbial “desde x tempo” + “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio em uma de suas ocorrências e o advérbio “sempre” + pretérito imperfeito em outra. Nos dados de Gabriel, em sua ocorrência única de PU, encontramos o advérbio “sempre” + a morfologia de pretérito imperfeito. Nos dados de Natalia, em sua única ocorrência de PU, identificamos o advérbio “ainda” + a morfologia de pretérito imperfeito. Relembramos que os participantes Matheus e Rodrigo não realizaram PU associado ao passado ao longo de suas transcrições. No gráfico 10, apresentamos essas informações:

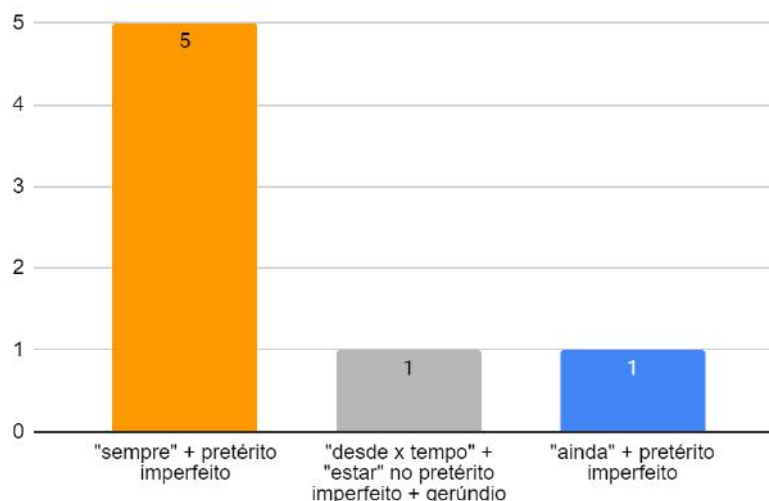
Gráfico 10: Realizações morfossintáticas de PU associado ao passado por cada participante.



Fonte: elaboração própria.

Assim, das 7 ocorrências de PU associado ao passado, a morfologia de pretérito imperfeito associada ao advérbio “sempre” foi a mais utilizada pelas crianças para expressar esse tipo de *perfect*, tendo sido contabilizadas 5 ocorrências com essa realização morfossintática, conforme sistematizado no gráfico abaixo. Além disso, destacamos que 6 das 7 ocorrências desse tipo de *perfect* são com a morfologia de pretérito imperfeito, combinada ou não a algum advérbio.

Gráfico 11: Realizações morfossintáticas de PU associado ao passado.

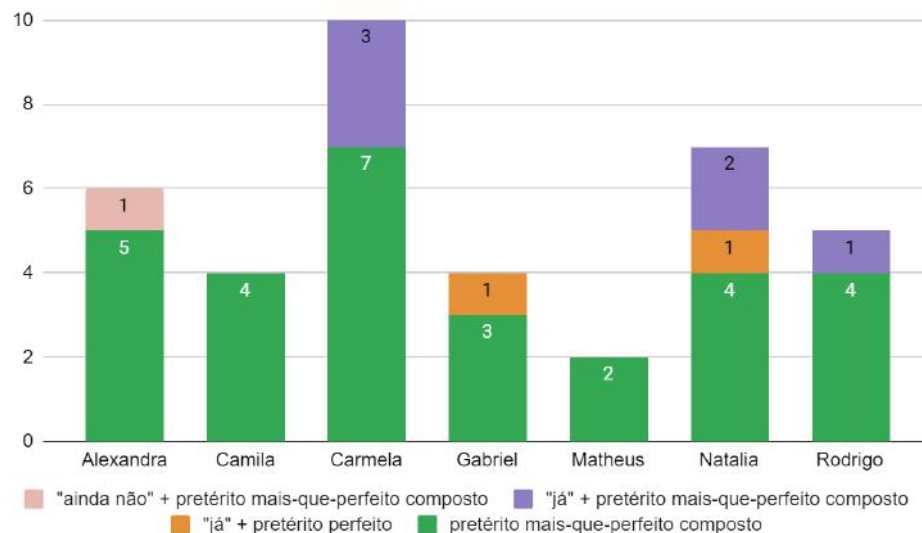


Fonte: elaboração própria.

5.3.2 *Perfect* resultativo

Quanto às realizações morfossintáticas de PRes, a participante Alessandra utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto 5 vezes e a expressão adverbial “ainda não” associada à morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto 1 vez. Camila utilizou em suas 4 realizações de PRes a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Carmela utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto 7 vezes e a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com o advérbio “já” 3 vezes. Gabriel utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto 3 vezes e a morfologia de pretérito perfeito + o advérbio “já” uma vez. Matheus utilizou em suas 2 realizações de PRes a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Natalia utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto 4 vezes, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto + o advérbio “já” 2 vezes e a morfologia de pretérito perfeito + o advérbio “já” 1 vez. Por fim, Rodrigo utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto 4 vezes e o advérbio “já” combinado a essa mesma morfologia 1 vez. A seguir, ilustramos as realizações morfossintáticas utilizadas por cada um dos participantes para veicular PRes associado ao passado:

Gráfico 12: Realizações morfossintáticas de PRes associado ao passado por cada participante.

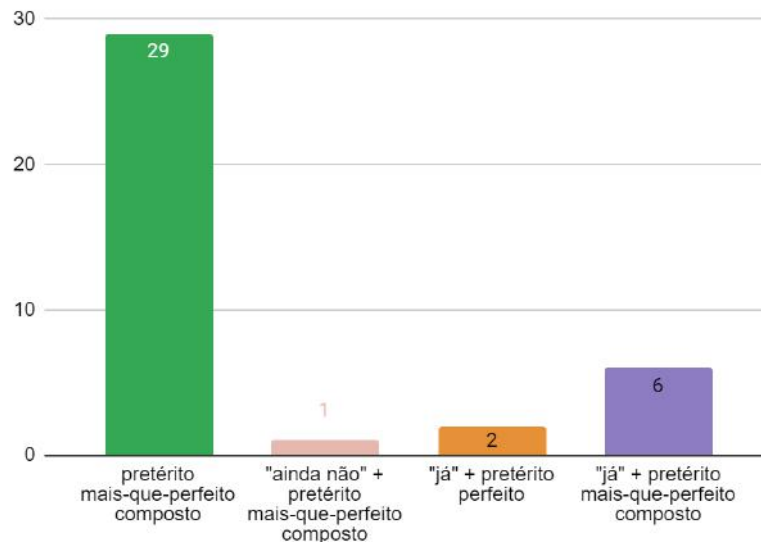


Fonte: elaboração própria.

Dessa forma, das 38 ocorrências de PRes associado ao passado, a realização morfossintática mais utilizada por todos os participantes foi a de pretérito mais-que-perfeito composto sem advérbio, empregada em 29 ocorrências ao todo. Além disso, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto associada ao advérbio “já” foi utilizada 6 vezes nas

ocorrências. Ressaltamos que a morfologia de pretérito perfeito foi utilizada para expressar PRes apenas quando combinada ao advérbio “já”. Dessa maneira, a morfologia mais utilizada foi a de pretérito mais-que-perfeito composto, com ou sem a presença de advérbios, verificada em 36 dados desse tipo de *perfect*. Essas informações estão sistematizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 13: Realizações morfossintáticas de PRes associado ao passado.

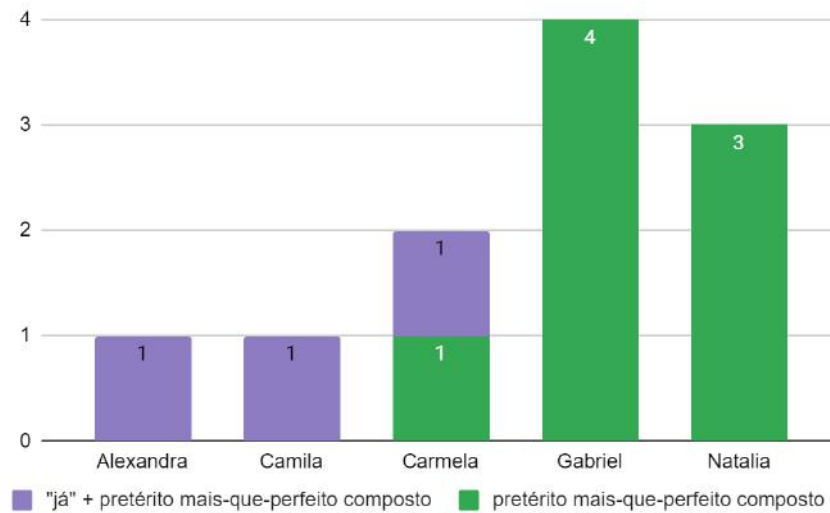


Fonte: elaboração própria.

5.3.3 *Perfect* experiencial

Quanto às realizações morfossintáticas de PEx, Alexandra e Camila utilizaram, em suas ocorrências únicas desse tipo de *perfect*, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto combinado ao advérbio “já”. Carmela utilizou a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto combinado ao advérbio “já” 1 vez e a de pretérito mais-que-perfeito composto sem advérbio também 1 vez. Gabriel e Natalia utilizaram apenas a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto em suas 4 e 3 ocorrências desse tipo de *perfect*, respectivamente. Não foram encontrados dados de PEx para o participante Matheus e Rodrigo. No gráfico a seguir, sistematizamos essas informações:

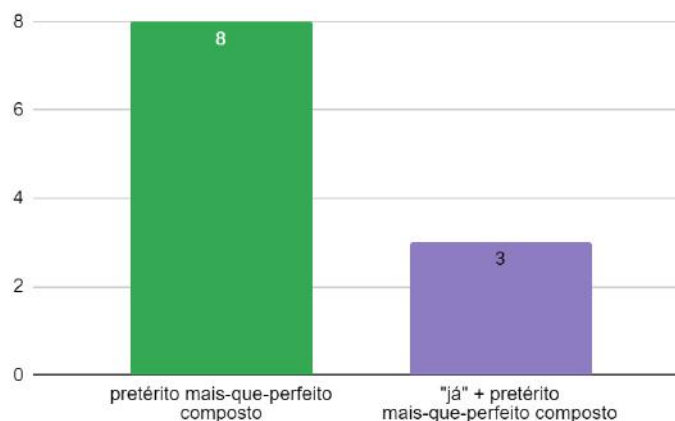
Gráfico 14: Realizações morfossintáticas de PEx associado ao passado por cada participante.



Fonte: elaboração própria.

Dessa forma, das 11 ocorrências de PEx associado ao passado, a realização morfossintática mais utilizada para expressar PEx foi a de pretérito mais-que-perfeito composto, verificado em 8 ocorrências. Além disso, também encontramos 3 ocorrências que utilizavam essa morfologia combinada ao advérbio “já”. Dessa maneira, a única morfologia utilizada foi a pretérito mais-que-perfeito composto, com ou sem a presença de advérbios. A seguir, o gráfico 15 apresenta essas informações:

Gráfico 15: Realizações morfossintáticas de PEx associado ao passado.

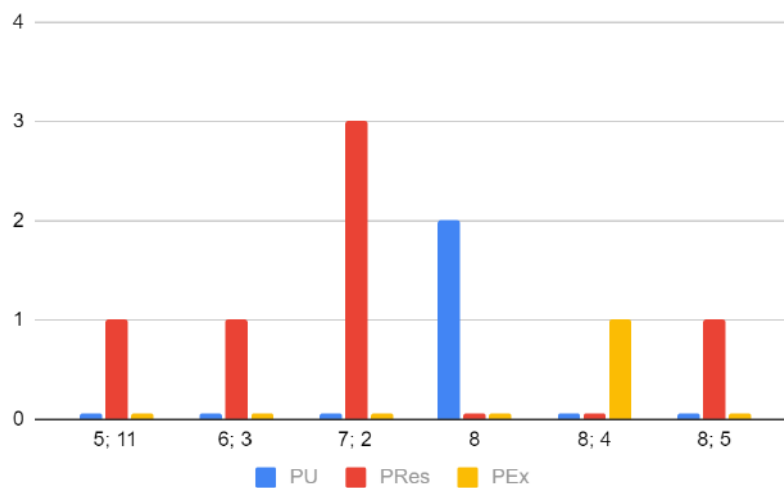


Fonte: elaboração própria.

5.4 RESULTADOS LONGITUDINAIS COM O MOMENTO DE EMERGÊNCIA DOS TIPOS DE *PERFECT*

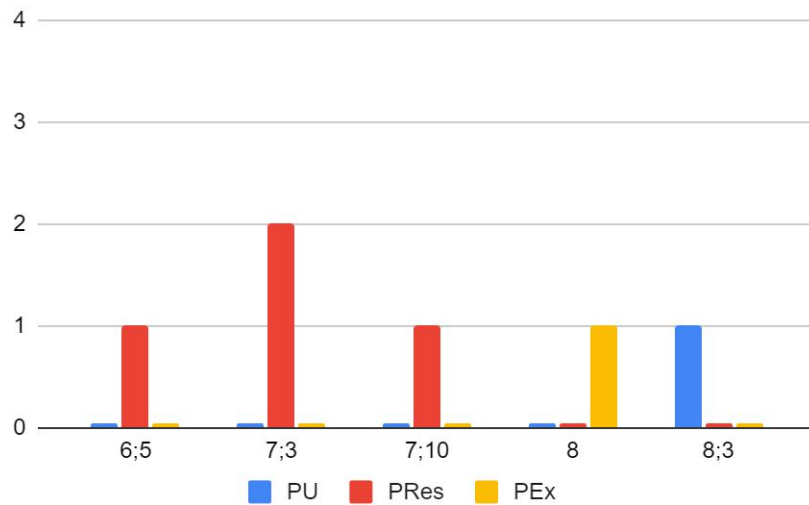
Os tipos de *perfect* foram produzidos pela participante Alexandra da seguinte maneira: (i) *perfect* resultativo (5 anos e 11 meses), (ii) *perfect* universal (8 anos) e (iii) *perfect* experiencial (8 anos e 4 meses). O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais dessa participante com o quantitativo de dados de cada tipo de *perfect* ao longo das transcrições em que esse aspecto foi realizado:

Gráfico 16: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Alexandra.



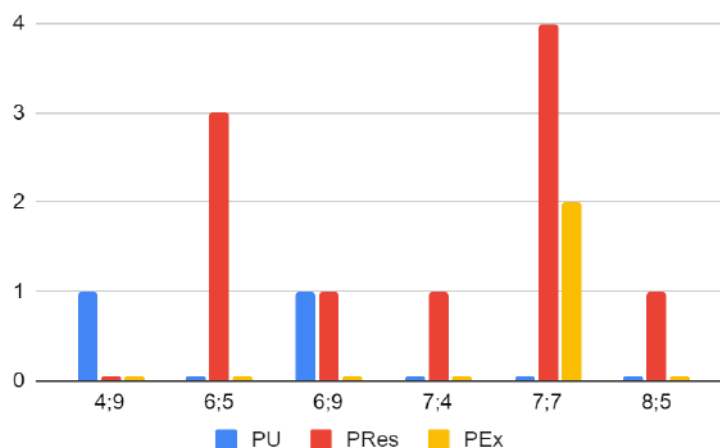
Fonte: elaboração própria.

Os tipos de *perfect* foram produzidos pela participante Camila da seguinte maneira: (i) *perfect* resultativo (6 anos e 5 meses), (ii) *perfect* experiencial (8 anos) e (iii) *perfect* universal (8 anos e 3 meses). O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais dessa participante com o quantitativo de dados de cada tipo de *perfect* ao longo das transcrições em que esse aspecto foi realizado:

Gráfico 17: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Camila.

Fonte: elaboração própria.

Os tipos de *perfect* foram produzidos pela participante Carmela da seguinte maneira: (i) *perfect* universal (4 anos e 9 meses), (ii) *perfect* resultativo (6 anos e 5 meses) e (iii) *perfect* experiencial (7 anos e 7 meses). O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais dessa participante com o quantitativo de realizações de cada tipo de *perfect* ao longo das transcrições em que esse aspecto foi produzido.

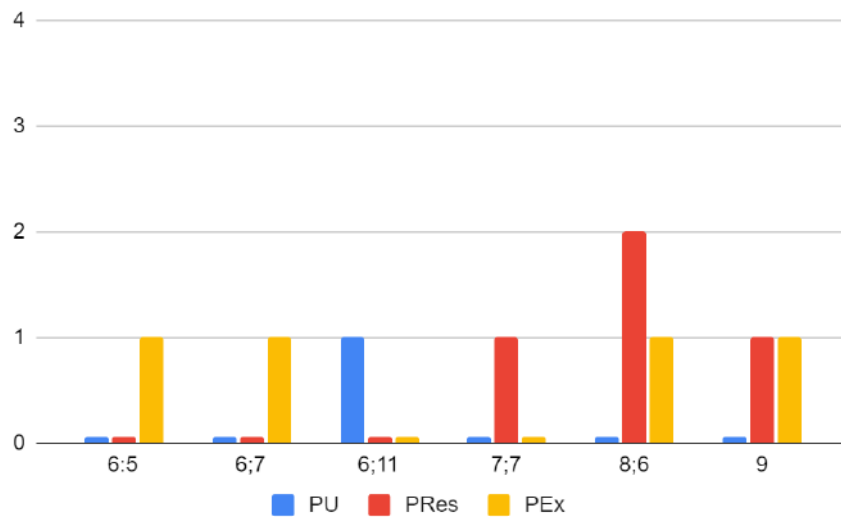
Gráfico 18: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Carmela.

Fonte: elaboração própria.

Os tipos de *perfect* foram produzidos pelo participante Gabriel da seguinte maneira: (i) *perfect* experiencial (6 anos e 5 meses), (ii) *perfect* universal (6 anos e 11 meses) e (iii) *perfect*

resultativo (7 anos e 7 meses). O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais desse participante com o quantitativo de dados de cada tipo de *perfect* ao longo das transcrições em que esse aspecto foi realizado:

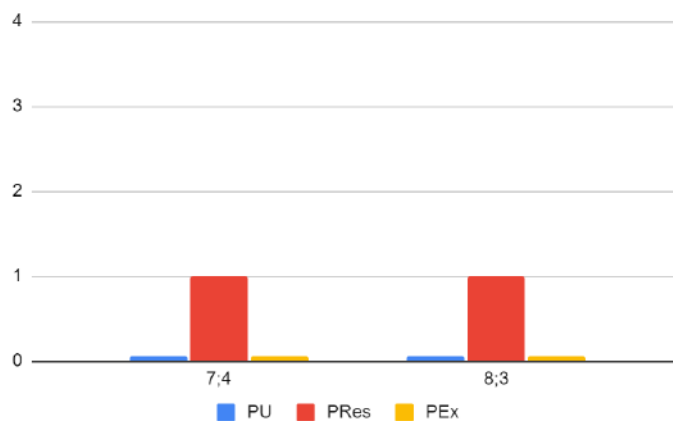
Gráfico 19: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Gabriel.



Fonte: elaboração própria.

O aspecto *perfect* foi produzido pelo participante Matheus da seguinte maneira: (i) *perfect* resultativo aos 7 anos e 4 meses e aos 8 anos. Não foram encontrados dados de *perfect* universal e experiencial produzidos por esse participante. O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais desse participante com o quantitativo de dados de *perfect* resultativo ao longo das transcrições em que esse tipo de *perfect* foi realizado:

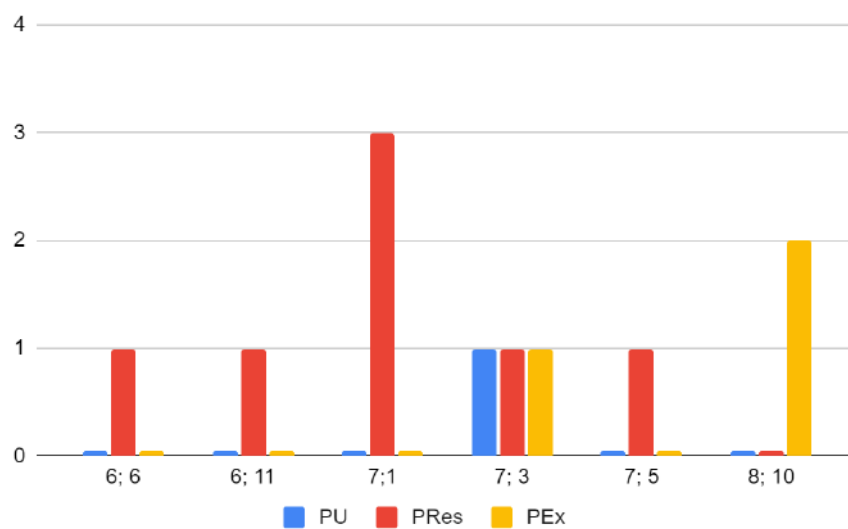
Gráfico 20: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Matheus.



Fonte: elaboração própria.

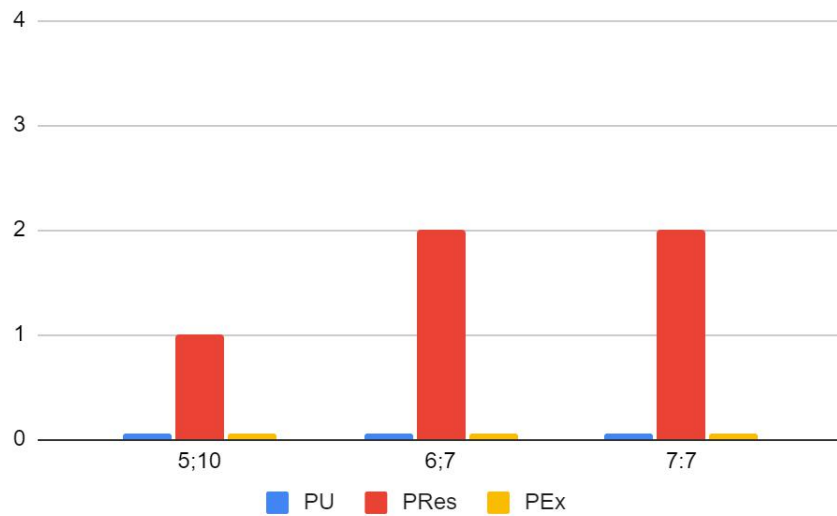
Os tipos de *perfect* foram produzidos pela participante Natalia da seguinte maneira: (i) *perfect* resultativo (6 anos e 6 meses) e (ii) *perfect* universal e experiencial (7 anos e 3 meses). Em uma transcrição, aos 7 anos e 3 meses, encontramos ocorrências de todos os tipos de *perfect* produzidos por essa participante. O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais dessa participante com o quantitativo de dados de cada tipo de *perfect* ao longo das transcrições em que esse aspecto foi realizado:

Gráfico 21: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Natalia.



Fonte: elaboração própria.

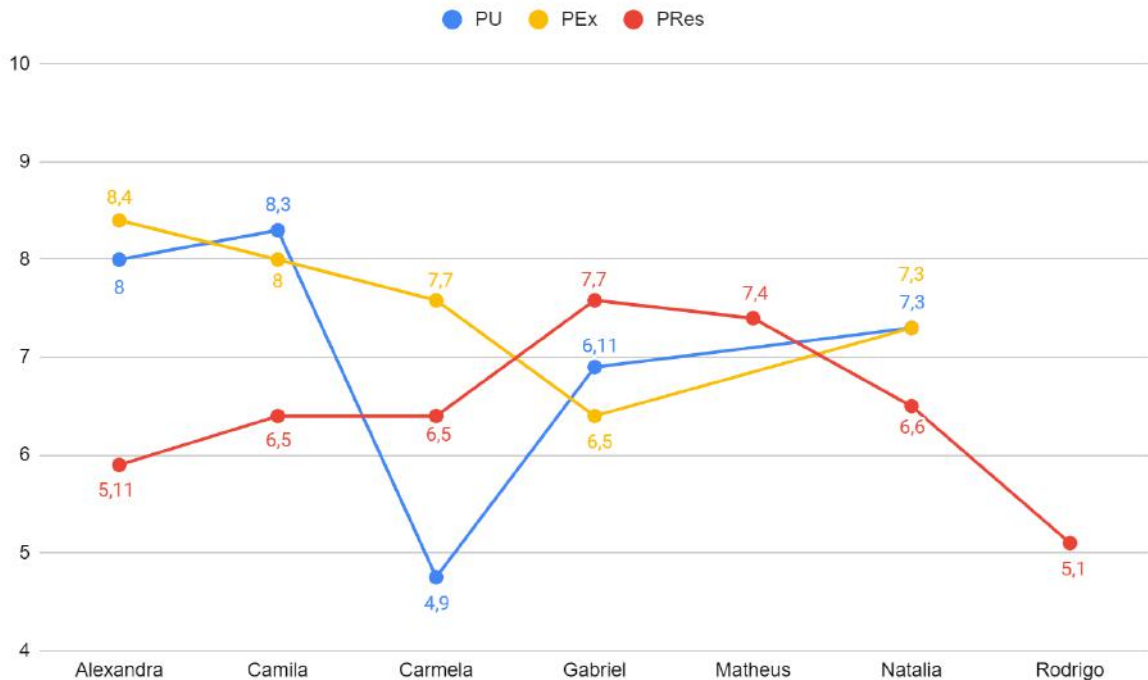
Por fim, o aspecto *perfect* foi produzido pelo participante Rodrigo da seguinte maneira: (i) *perfect* resultativo aos 5 anos e 10 meses, 6 anos e 7 meses e 7 anos e 7 meses. Não encontramos dados que veiculassem *perfect* universal e experiencial nas transcrições desse participante. O gráfico a seguir ilustra as produções longitudinais desse participante com o quantitativo de ocorrências do *perfect* resultativo ao longo das transcrições em que esse tipo de *perfect* foi realizado:

Gráfico 22: Resultados longitudinais dos tipos de *perfect* realizados por Rodrigo.

Fonte: elaboração própria.

A seguir, apresentamos um gráfico com a sistematização das primeiras ocorrências de cada subtipo de *perfect* de acordo com a classificação de Pancheva (2003) para cada criança, com as respectivas idades. Alexandra teve sua primeira ocorrência de PRes aos 5 anos e 11 meses, de PU aos 8 anos e de PEx aos 8 anos e 4 meses. Camila teve sua primeira ocorrência de PRes aos 6 anos e 5 meses, de PEx aos 8 anos e de PU aos 8 anos e 3 meses. Carmela teve sua primeira ocorrência de PU aos 4 anos e 9 meses, de PRes aos 6 anos e 5 meses e de PEx aos 7 anos e 7 meses. Gabriel teve sua primeira ocorrência de PEx aos 6 anos e 5 meses, de PU aos 6 anos e 11 meses e de PRes aos 7 anos e 7 meses. Matheus teve sua primeira ocorrência de PRes aos 7 anos e 4 meses e não produziu PU e PEx. Natalia teve sua primeira ocorrência de PRes aos 6 anos e 6 meses e suas primeiras ocorrências de PU e PEx aos 7 anos e 3 meses. Por fim, Rodrigo teve sua primeira ocorrência de PRes aos 5 anos e 1 mês e não produziu PU e PEx.

Gráfico 23: Resultados longitudinais com a idade da primeira produção de cada tipo de *perfect* por todos os participantes.



Fonte: elaboração própria.

5.5 DISCUSSÃO

Baseado nos dados expostos, apresentamos, nesta seção, algumas observações. Primeiramente, algumas considerações sobre as realizações dos tipos de *perfect* na produção infantil precisam ser feitas. Retomando um de nossos objetivos iniciais expostos na introdução desta monografia, buscávamos responder a seguinte pergunta: (i) quais os tipos de *perfect* associados ao passado são mais realizados na fala de crianças adquirindo o português do Brasil? Além de ser a primeira realização de *perfect* de três de sete crianças analisadas nesta pesquisa, tendo outras duas crianças produzido apenas esse tipo de *perfect*, PRes foi produzido em 38 das 56 ocorrências totais. Esses dados corroboram a afirmação de Nespoli (2018) de que o PRes é o tipo de *perfect* mais básico das línguas. Haja visto a idade das crianças analisadas nesta pesquisa, ou seja, as crianças ainda não vivenciaram experiências suficientes para descrevê-las, PEx foi realizado apenas 11 vezes e duas das sete crianças não realizam esse tipo de *perfect*. De maneira similar, PU também foi produzido poucas vezes, tendo sido encontradas apenas 7 ocorrências de PU associado ao passado e não tendo sido identificadas quaisquer realizações desse tipo de *perfect* na produção de duas das sete

crianças. Nesse sentido, percebemos que o *perfect* resultativo é o mais realizado na fala de crianças adquirindo o português do Brasil.

Quanto às realizações morfossintáticas utilizadas pelas crianças em processo de aquisição de linguagem, retomemos, também, uma de nossas questões norteadoras para esta monografia: (ii) quais as realizações morfossintáticas são primeiramente utilizadas para realizar os diferentes tipos de *perfect* associados ao passado no início do processo de aquisição dessa língua? No caso de PU, quatro das sete crianças utilizaram primeiro a morfologia de pretérito imperfeito. Já em PRes, seis das sete crianças produziram primeiro esse tipo de *perfect* através da morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto. Por fim, em PEx, três das sete crianças utilizaram primeiro da morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com o advérbio “já”.

Além disso, outra questão sobre as produções morfossintáticas de *perfect* associado ao passado foi levantada na introdução desta monografia: (iii) quais dessas realizações são mais comuns na produção de crianças falantes do português do Brasil até cerca de 8 anos e 6 meses de idade? No que diz respeito às realizações morfossintáticas de PU, a morfologia mais produzida pelos participantes foi a de pretérito imperfeito, tanto com o advérbio “ainda” quanto com o advérbio “sempre”. Destacamos que essa morfologia combinada ao advérbio “sempre” representa 5 das 7 ocorrências de PU. Além disso, é importante mencionar que todas as ocorrências de PU encontradas continham algum advérbio ou expressão adverbial, o que demonstra a importância desse item lexical na leitura de PU associado ao passado. Essas informações corroboram o argumento de Sant’Anna (2021) de que a morfologia de pretérito imperfeito é a mais prototípica para expressar PU associado ao passado.

Nos dados de PRes, das 38 ocorrências, 36 utilizavam a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto, tanto sem quanto com o advérbio “já” ou a expressão adverbial “ainda não”. Sant’Anna (2021) aponta que essas são as realizações morfossintáticas mais prototípicas para expressar PRes associado ao passado e os dados desta pesquisa corroboram essa afirmação.

Por fim, nos 11 dados de PEx associado ao passado, todos continham a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto, com ou sem o advérbio “já”. Dessa forma, novamente, os dados desta pesquisa corroboram a afirmação de que a morfologia prototípica para expressar PEx associado ao passado é a de pretérito mais-que-perfeito composto.

Em resumo, entende-se que a morfologia de pretérito imperfeito acompanhada do advérbio “sempre” seja a mais comum para PU na produção de crianças falantes do PB. Além

disso, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto, com ou sem advérbio, foi a mais utilizada para expressar PRes e PEx dentre os participantes.

Como última questão integrante dos objetivos desta monografia, temos a seguinte pergunta: (iv) quais tipos de *perfect* são primeiramente realizados na produção de crianças adquirindo a língua investigada quando o aspecto *perfect* é associado ao tempo passado? Conforme pode ser observado nas seções anteriores, as 7 crianças analisadas apresentaram muitas divergências na ordem de produção de PU, PRes e PEx. Três das sete crianças produziram PRes como primeira ocorrência de *perfect*, uma delas produziu PU primeiro, uma delas produziu primeiro PEx e duas produziram apenas PRes. Além disso, a ordem de segunda e terceira ocorrência das realizações de tipos de *perfect* também demonstra divergências entre as crianças. Somado a isso, de acordo com os dados de Rodrigues (2019), que estudou a aquisição de *perfect* associado ao presente, a primeira ocorrência de *perfect* nos dados da autora ocorreu aos 2 anos e 6 meses e a primeira ocorrência encontrada nos dados desta monografia ocorreu aos 4 anos e 9 meses. Acredita-se, então, que os sintagmas de *perfect* já tenham emergido na gramática mental das crianças antes das idades estudadas nesta pesquisa, ou seja, os traços referentes aos diferentes tipos de *perfect* teriam sido adquiridos ou passariam a estar especificados na gramática mental quando as crianças passam a realizar esse aspecto associado ao tempo presente. Dessa forma, há a impossibilidade de discussão acerca da ordem de emergência de sintagmas de *perfect* na gramática infantil a partir dos dados apresentados nesta monografia, bem como do empreendimento de uma discussão a favor da Hipótese Maturacional ou Hipótese Continuista, tal como apresentado na seção 3.2 do capítulo 3, à luz desses dados. Contudo, acreditamos ser possível argumentar que, no geral, as realizações morfossintáticas de *perfect* associado ao passado iniciam-se pelas do tipo resultativo, talvez por esse tipo ser o mais produtivo na fala das crianças.

De modo geral, percebemos que a maioria dos dados de *perfect* associado ao passado ocorreu a partir dos 5 anos de idade, ou seja, de maneira tardia. Conforme apresentamos no capítulo 3 desta monografia, o sistema temporal de Weist (1986) propõe que a aquisição de *past perfect* ocorre de forma mais tardia que a de *present perfect*, pois o sistema conceptual das crianças precisa dissociar os pontos temporais propostos por esse autor. Assim, os dados desta pesquisa corroboram a assunção desse autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo geral contribuir para a descrição do processo de aquisição de linguagem no português do Brasil. Ainda, buscou-se investigar, como objetivo específico, a aquisição de *perfect* universal, resultativo e experiencial associados ao passado no português do Brasil através da análise da emergência das realizações morfossintáticas desses tipos de *perfect* na produção infantil. Partimos da hipótese de que, primeiramente, as crianças produziram *perfect* resultativo, depois, *perfect* universal e, finalmente, *perfect* experiencial. Para tanto, adotou-se como metodologia a análise longitudinal da produção de sete crianças adquirindo o português do Brasil. Os dados foram retirados da plataforma *CHILDES* e esses estavam disponibilizados em formato de transcrições de fala entre criança e adulto. A idade média das crianças no início das transcrições era de 5 anos e 2 meses e a idade média de fim era de 8 anos e 6 meses. Além disso, cada criança possuía em média 14 transcrições disponíveis no *corpus*, o que correspondia a uma média de cerca de 19.431 palavras por criança. Partindo das realizações morfossintáticas descritas por Sant’Anna (2021) como veiculadoras de PU, PRes e PEx associados ao passado, procuramos identificar a produção dessas realizações pelas crianças, as quais foram tomadas como indícios da aquisição dos tipos de *perfect* associados ao passado.

Quanto aos resultados obtidos por este estudo, três das sete crianças produziram PRes como primeiro tipo de *perfect* encontrado nos dados, duas delas produziram apenas esse tipo de *perfect*, uma delas produziu como primeira ocorrência de *perfect* o PU e uma delas produziu primeiro o PEx. Quanto às segunda e terceira ocorrências, as crianças apresentaram divergências quanto à ordem de produção desses tipos de *perfect*. A partir desses resultados, há uma impossibilidade de refutar ou confirmar nossa hipótese, uma vez que os dados encontrados nos *corpus* das crianças tiveram divergências significativas.

No entanto, os dados desta pesquisa trazem contribuições quanto à descrição das realizações morfossintáticas de *perfect* associado ao passado. Para a veiculação de PU, a morfologia mais utilizada foi a de pretérito imperfeito. Para a expressão de PRes e PEx, a morfologia mais utilizada pelos participantes foi a de pretérito mais-que-perfeito composto. Esses resultados vão na direção da descrição de Sant’Anna (2021) para a fala adulta do português do Brasil de que essas morfologias são as prototípicas para expressar cada um desses tipos de *perfect*. Além disso, quanto às realizações adverbiais, das 7 ocorrências de PU, 5 continham o advérbio “sempre”, o que indica a preferência das crianças em combinar esse advérbio com esse tipo de *perfect*. Além disso, o advérbio “já” foi o mais utilizado para

expressar PRes e PEx, o que indica que esse advérbio é o prototípico para esses tipos de *perfect*, como indicam Nespoli (2018) e Sant'Anna (2021).

Além disso, destacamos que PRes foi produzido em 38 ocorrências das 56 ocorrências totais e esse apontamento reforça a afirmação de Nespoli (2018) de que o PRes é o tipo de *perfect* mais básico nas línguas. No mais, notamos que a maioria dos dados de *perfect* associado ao passado ocorreram a partir dos 5 anos de idade. Nos dados de Rodrigues (2019), a primeira ocorrência de *perfect* associado ao presente ocorreu aos 2 anos e 6 meses, portanto, os dados de *perfect* associado ao passado ocorreram de forma mais tardia. Esse sistema é previsto em Weist (1986), pois esse autor afirma que a aquisição de *past perfect* na língua inglesa ocorre de forma mais tardia, uma vez que o sistema conceptual das crianças precisa de um amadurecimento para dissociar os pontos temporais propostos pelo autor. Dessa maneira, esta pesquisa ratifica a proposta de Weist (1986) a partir de dados de aquisição do português do Brasil.

O estudo desenvolvido nesta monografia contribuiu para nosso objetivo geral de descrever o processo de aquisição de linguagem no português do Brasil, uma vez que analisamos a emergência de PU, PRes e PEx associados ao passado na produção infantil, além de descrevermos as realizações morfossintáticas mais utilizadas pelos participantes para expressar esses tipos de *perfect* quando associados ao passado. Com isso, trouxemos, inclusive, contribuições aos estudos de *perfect* como um todo, uma vez que pudemos discutir sobre realizações verbais e adverbiais prototípicas de cada tipo de *perfect* associado ao passado na língua investigada.

Para próximas pesquisas, acreditamos que seja possível descrever o processo de aquisição dos tipos de *perfect* associados ao passado de acordo com outras classificações teóricas, como a de Comrie (1976), que o divide em *perfect* resultativo, *perfect* experiencial, *perfect* de situação persistente e *perfect* de passado recente. Além disso, é possível investigar a aquisição de *perfect* combinado a outros tempos verbais, como o futuro. Dessa maneira, poderemos ampliar a descrição das realizações de *perfect* associado aos diferentes tempos à luz das produções infantis, bem como expandir a descrição da aquisição de fenômenos gramaticais (mais especificamente aspectuais) no português do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 5-38.
- AVRUTIN, S.; HAVERKORT, M.; VAN HOUT, A. Language acquisition and language breakdown. **Brain and language**, [s. l.], v 77, p. 269-73, 2001.
- BORER, H.; WEXLER, K. The maturation of syntax, In: ROEPER, T.; WILLIAMS, E. (Eds.). **Parameter Setting**, 1987. p. 123-172.
- BOWIE, J; WALLIS, S; AARTS, B. The perfect in spoken British English. In: AARTS, B.; CLOSE, J.; LEECH, G.; WALLIS, S. (Org.). **The verb phrase in English: investigating recent language change with corpora**. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2013. p. 318-352. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139060998>.
- BROWN, R. **A first language**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalizations. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). **Readings in English transformational grammar**. Waltham, Mass.: Ginn & Co, 1970. p.184-221.
- CHOMSKY, N. Review of Skinner. **Language**, 35. pp. 26-58, 1959.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.
- CHOMSKY, N. **Language and problems of knowledge**. Cambridge: MIT Press, 1988.
- CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. New York, Oxford University Press, 1999.
- COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CROMER, R.F. The development of the ability to decent in time. **J. Psychol.**, Londres, v. 62, n. 3, p. 353-365, 1971.
- EMONDS, J. **A transformation approach to syntax**. New York: Academic Press, 1976.
- FODOR, J. A. **The modularity of mind**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1983.
- FRIEDMANN, N.; BELLETII, A.; RIZZI, L. “Growing trees: The acquisition of the left periphery”, **Glossa: a journal of general linguistics**. London, v. 6, n. 1, p. 131, nov, 2021. DOI: <https://doi.org/10.16995/glossa.5877>.

GATHERCOLE, V.C.M. The acquisition of the present perfect: explaining differences in the speech of Scottish and American children. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 13, p. 537-560, 1985.

GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and Aspect: from Semantics to Morphosyntax**. New York: Oxford University Press, 1997.

GOMES, J; SEMÊDO, J. Realizações do aspecto perfect universal na fala de indivíduos letrados cariocas, segundo a faixa etária. In: ORSINI, M. (Org.). **Práticas de pesquisa em Língua Portuguesa**. 1a ed. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas / UFRJ. p. 137-164, 2019.

HADDAD, N. **Metodologia de estudos em ciências da saúde**. 1st ed. São Paulo: Roca, 2004.

HORNSTEIN, N. **As time goes by: tense and universal grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

HYAMS, N. The underspecification of functional categories in early grammar. In: CLAHSEN, H. **Generative perspectives on language acquisition: Empirical Findings, Theoretical Considerations and Crosslinguistic Comparisons**. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 91-128.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

JESUS, J.; MATOS, A.; MARTINS, A.; NESPOLI, J. O aspecto perfect no português do Brasil. **Travessias Interativas**, v. 7, n. 14, p. 1-18, 2017. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v7i14>.

KIPARSKY, P. Event structure and the perfect. In: BEAVER, D.; MARTINEZ, L. C.; CLARK, B.; KAUFMANN, S. (Org.). **The construction of meaning**. Stanford: CSLI Publications, 2002. p. 113-135.

KLEIN, W. The Present Perfect Puzzle. **Language**, v. 68, n. 3, p. 525-552, 1992. DOI: <https://doi.org/10.2307/415793>.

KUCZAJ, S.A.; DALY, M.J. The development of hypothetical reference in the speech of young children. **Journal of Child Language**, Cambridge, v.6, p. 563-79, 1979.

LENNEBERG, E. H. **Biological foundations of language**. New York: Wiley. 1967.

LESSA, A. T. M. **Dissociação entre tempo e aspecto à luz da aquisição de linguagem**. 2015. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

MACHADO, Fernanda Costa da Silva. **A realização de perfect associado aos tempos passado e futuro no inglês americano**. Rio de Janeiro, 2022. (178)f. Dissertação (Mestrado

em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MACHADO, F.C.S.; MARTINS, A.L. O perfect existencial e suas realizações morfológicas e adverbiais no inglês americano. **Ilha do Desterro**, v. 73, no 3, p. 037-062, Florianópolis, set/dez 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2020v73n3p37>.

MARTINS, A. L.; RODRIGUES, N. P. R. A hierarquia dos sintagmas de perfect universal, experiencial e de resultado: uma análise a partir da aquisição do inglês americano. **Organon**, Porto Alegre, v. 38, n. 76, 2023. DOI: 10.22456/2238-8915.134837.

MCCAWLEY, J. D. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, v. 1. p. 81-90, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1080/07268608108599267>.

MCCOARD, R. **The English Perfect: Tense Choice and Pragmatic Inferences**. Amsterdam: North-Holland Press, 1978.

NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NOVAES, C.; NESPOLI, J. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. **Revista FSA**, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/356/0>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

NUSSBAUM, N.J.; NAREMORE, R.C. On the acquisition of present perfect ‘have’ in normal children. **Journal of Child Language**, Cambridge, v.18, p. 219-26, 1975.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

PINKER, S. Why the child holded the baby rabbit: a case study in language acquisition. In: GLEITMAN, L.R.; LIBERMAN, M. (eds.). **An Invitation to Cognitive Science: Language**. Cambridge: MIT Press, 1995. p.107-33.

POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, Massachusetes, v. 20, p. 365-424, 1989.

QUADROS, R. O paradigma gerativista e a aquisição de linguagem. in: QUADROS, R.; FINGER, I. (Org.) **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Ed. UFSC, p. 25-48, 2007.

RADFORD, A. Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English. Oxford: Blackwell, 1990. Resenha de GATHERCOLE, V.C.M.; WILLIAMS, K. **Journal of Child Language, Cambridge**, v. 21, p. 489-500, 1994.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. New York: The Macmillan Company, 1947.

RODRIGUES, N.; MARTINS, A. Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de perfect. **Revista Linguística**, v. 15, n. 3, p. 161-184, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n3a28438>.

RODRIGUES, N. P. S. **Aquisição de perfect no português do Brasil**. Rio de Janeiro, 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SANT'ANNA, A. A. **Realizações morfossintáticas do perfect associado ao passado no português do Brasil**. 2021. 103f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação português/latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

SANT'ANNA, A. Perfect Existencial: leituras a partir do ordenamento de verbos em relação ao advérbio “já” no português do Brasil (PB). In: 11a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

SANT'ANNA, A.; MARTINS, A.; GOMES, J. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise a partir de advérbios do português brasileiro. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 5, n. 1, p. 84-95, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30406>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

SCLIAR-CABRAL, L. **A explanação lingüística em gramáticas emergentes**. 1977. Tese. (Doutorado em Linguística). FFLCH, Universidade de São Paulo, 1977.

SIGURÐSSON, H. A. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, v. 4, p.235-259. 2004.

SMITH, C. The acquisition of time talk: relations between child and adult grammars. **Journal of Child Language**, Cambridge, v.7, p. 263-278, 1980.

TSIMPLI, I. M. On the maturation of functional categories: early child speech. **UCL Working Papers in Linguistics**, v. 3, p. 126, 1991.

WEIST, R., Tense and aspect. In: FLETCHER, P., GARMAN, M. (Eds.). **Language Acquisition. Studies in First Language Development**. New York: Cambridge University Press, 1986. p. 356–374.

WEXLER, K. **The development of inflexion in a biologically based theory of language acquisition**. In: RICE, M. L. *Toward a genetics of language*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Assoc., 1996.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. **Lingua**, [s. l.], v. 106, p. 23-79, dec.1998.

YANG, C. **Knowledge and Learning in natural language**. New York: Oxford University Press, 2002.

APÊNDICE A - Ocorrências de *Perfect* Universal

Alexandra

Pretérito Imperfeito	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Sempre” + pretérito imperfeito	“Desde x tempo” + “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Ainda” + pretérito imperfeito
		<p>8 anos: tá@i ela contava história histórias sabe aquela do Chapeuzinho_Vermelho do “Avião Vermelho” do príncipe ela contava todas essas histórias então olha que maluca a vovó Rita ela sempre brincava com as crianças de noite e não dormiam para brincar .</p> <p>8 anos: CHI: vovó Guida era muito atrapalhada chegou do trabalho largou sua bolsa e as crianças rapidamente para outra escola .</p> <p>INV: tá@i isso .</p> <p>CHI: vovó Guida era muito maluquita ela ficava sempre com um olho aqui e outro lá</p>		

Camila

Pretérito Imperfeito	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Sempre” + pretérito imperfeito	“Desde x tempo” + “estar” no pretérito	“Ainda” + pretérito imperfeito

			imperfeito + gerúndio	
		<p>8 anos e 3 meses: CHI: tá@i [<] era uma vez um papagaio e uma mulher que sempre passava por lá daí quando a mulher passou o [/] o pagagaio <ficou dizendo> [//] sempre ficou dizendo +"/.</p> <p>CHI: +" "passei o dia inteiro procurando tu procurando tu"</p>		

Carmela

Pretérito Imperfeito	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Sempre” + pretérito imperfeito	“Desde x tempo” + “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Ainda” + pretérito imperfeito
		<p>6 anos e 9 meses: CHI: tá era uma vez (.) uma menina que tinha ganhado um chapéu da vó dela daí (.) ela (.) daí ela ãhn@i (.) ãhn@i ela [/] ela sempre botava o chapéu e todo mundo diz [//] chamava ela de Chapeuzinho_Vermelho daí (.) daí ela [/] ela [//] a vó dela (es)tava muito doente daí a mãe dela chamou</p>	<p>4 anos e 9 meses: CHI: é que a gente des(de) que a gente chegou a gente já (es)tava lá lá em cima fazendo [//] lá [//] faz [//] lá não fazer [?] arte né@i</p>	

Gabriel

Pretérito Imperfeito	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Sempre” + pretérito imperfeito	“Desde x tempo” + “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Ainda” + pretérito imperfeito
		6 anos e 11 meses: CHI: mas da mesma posição que eu (es)tava sentado [//] no banquinho do piano tem roda né@i e gira e cada vez que girava mais eu bebia água olhando pro [: para o] copo eu <i>sempre olhava</i> pra outra coisa .		

Matheus - sem ocorrências de PU**Natalia**

Pretérito Imperfeito	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Sempre” + pretérito imperfeito	“Desde x tempo” + “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Ainda” + pretérito imperfeito
				7 anos e 3 meses: um dia [//] (.) o tio do Simba era muito mau ele queria (.) ser o rei mas o pai do Simba tinha morrido

				e daí o Simba que tinha quando o Simba <i>ainda</i> era criança
--	--	--	--	--

Rodrigo - sem ocorrências de PU

APÊNDICE B - Ocorrências de *Perfect* Resultativo

Alexandra

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Ainda não” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito perfeito
<p>5 anos e 11 meses: o menino ficou muito brabo porque ele quebrou o pote que a mãe dele tinha dado pra ele (.)</p>		<p>7 anos e 2 meses: CHI: aí (.) ela [//] daí a bruxa insistiu [/] insistiu e aí ela acabou deixando a Rapunzel mesmo ela não tinha dado nome <i>ainda</i> <pra Rap> [//] pra a menininha que nasceu</p>	
<p>6 anos e 3 meses: e as [//] e o príncipe acabou lutando com o dragão . INV: hm:@i . CHI: daí ela tinha tocado na roca de fiar e daí ela dormiu</p>			
<p>7 anos e 2 meses: CHI: aí ele tinha visto a Rapunzel porque ela não tinha saído (.)</p>			
<p>8 anos e 5 meses: CHI: era uma vez um cavalo que corria no campo aí ele viu uma vaca e [/] e ficou olhando pra [/] pra vaca daí depois ele pulou o cerco xxx daí ele tinha se machucado e depois veio o passarinho com a maleta dos primeiros socorros e o boi ajudou</p>			

Camila

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Ainda não” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito perfeito
<p>6 anos e 5 meses: e ela foi daí ela foi ela encontrou [//] obedeceu a mãe foi daí ela chegou lá bateu na porta ponponpon@o <e o> [//] e o Lobo tinha comido a vovozinha daí</p>			
<p>7 anos e 3 meses: daí ele entrou <e come> [//] e correu atrás da vovozinha comeu ela daí depois o Chapeuzinho Vermelho@q o [//] quer dizer daí depois o [//] o Lobo Mau@q tinha comido a vovozinha daí depois o Chapeuzinho Vermelho@q bateu na porta ponponpon@</p>			
<p>7 anos e 3 meses: a minha prima foi sem bóia que ela não sabia nadar sem bóia né@i <dentro do mar> [?] agora ela já tem oito anos ela tem seis aí [//] daí <ela não> [//] ela foi e se afogou e a minha mãe tinha visto os cabelo(s) e ela foi beber água ali na piscina</p>			

<p>7 anos e 10 meses: INV: apareceu a Cinderela@q mostrando o outro pezinho né@i [<] . CHI: é [>] e <a Cinde5rela@q> [//] a madrasta tinha trancado a Cinderela@q no [/] no quarto</p>			
--	--	--	--

Carmela

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Ainda não” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito perfeito
<p>6 anos e 5 meses: um dia um homem (es)tava cortando o cabelo do rei daí ele não viu e tinha cortado a orelha do rei</p>	<p>6 anos e 9 meses: daí quando ela chegou na casa da vovó daí o lobo tinha já chegado porque ele [/] ele foi primeiro do que a Chapeuzinho</p>		
<p>6 anos e 5 meses: CHI: eu ainda não pintei eu tinha pintado dois aí um eu fiz errado e o outro eu ainda não pintei</p>	<p>7 anos e 4 meses: é daí então o pai [//] os pais dela não (es)tavam lá só o irmãozinho dela que tem xxx meses que (es)tava lá com minha vó com meu vô que eles já tinham chegado então daí a mãe queria <que a> [//] levar a Carol lá pra casa.</p>		
<p>6 anos e 5 meses: CHI: +, depois eles acharam o [//] um +/.</p>	<p>7 anos e 7 meses: [//] daí elas (es)tavam escutando</p>		

<p>CHI: depois eles olharam ali dentro daí eles acharam o sapo ele tinha arranjado uma namorada sapinha</p>	<p>a história e aqui [= aponta para a figura] <elas (es)tavam> [//] elas já tinham feito as pazes e (es)tavam brincando com a mãe .</p>		
<p>7 anos e 7 meses: a gente ia passar lá pra pegar a minha prima (en)tão [//] é que tinha dado uma confusão por causa que a minha vó tinha ligado lá pra casa pra gente ir pra Sogipa brincar.</p>			
<p>7 anos e 7 meses: a gente ia passar lá daí quando a gente passou não tinha ninguém <e eles (es)tavam> [//] e elas (es)tavam na frente do super (en)tão daí a gente pensou que tinham ido na missa ou coisa assim +</p>			
<p>7 anos e 7 meses: daí ele rugiu mais uma vez eu não me lembro muito bem o que tinha acontecido daí ficou com medo do canguru depois (fi)cou com medo do jacaré</p>			
<p>8 anos e 5 meses: daí nas férias desse ano eu fui pra lá eu</p>			

<p>encontrei ela por causa que ela também já (es)tá grande <daí ela> [/] daí ela também tinha mudado um pouquinho xxx daí a gente <i>encontrou</i> ela</p>			
---	--	--	--

Gabriel

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Ainda não” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito perfeito
<p>7 anos e 7 meses: tá@i (.) a professora ela tinha saído da sala daí quando ela voltou ela chamou todos os meus colegas e eu né@i eu (es)tava no nível (?)</p>			<p>8 anos e 6 meses: CHI: é a gente (es)tava vendo no meio do filme daí ligaram dizendo pra [/] pra [/] daí o telefone bateu era do hospital dizendo que o nenê já nasceu</p>
<p>8 anos e 6 meses: um coco caiu na cabeça do macaquinho daí o macaco pegou um pedaço de pau sei lá um porrete bateu no coco não quebrou <(es)tava com raiva> [/] (es)tava com raiva dum [: de um] coco porque tinha machucado ele</p>			
<p>9 anos: CHI: ãhn@i pra [/] pra pegar o ladrão né@i daí o ladrão daí o gato foi tentar pegar o ladrão né@i e daí o ladrão escorregou em cima do</p>			

cachorro e daí (...) o presidente acho eu prefeito sei lá ele achou que os dois tinham capturado o ladrão			
--	--	--	--

Matheus

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Ainda não” + pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito perfeito
<p>7 anos e 4 meses: <quando o> [/] quando o guri e o cachorro dormiu [: dormiram] o sapo saiu e daí quando o <i>guri</i> acordou ele tinha desaparecido</p>			
<p>8 anos e 3 meses: CHI: &=riso e daí [//] <aí ele fala vo> [//] daí ele fala +"/. CHI: +" você prometeu . CHI: daí ele falou +"/. CHI: está bom está bom eu vou indo . CHI: (por)que ele prometeu ah me esqueci [= gesticula negativamente] daí ele [//] daí eles foram lá (por)que ele tinha prometido ãhn@i esse pai mostra todo o reino pro outro</p>			

Natalia

Pretérito mais-que-perfeito	“Já” + pretérito mais-que-perfeito	“Ainda não” + pretérito	“Já” + pretérito perfeito
-----------------------------	------------------------------------	-------------------------	---------------------------

composto	composto	mais-que-perfeito composto	
<p>7 anos e 1 mês : aí o menino ficou assustado porque <o sapinho tinha> [/] tinha fugido o sapinho dele</p>	<p>6 anos e 11 meses: aí [/] aí a mãe levou ela pra casa que já tinha terminado (.) e ela foi brincar e descosturou</p>		<p>6 anos e 6 meses: CHI: a gente <a a> [/] a [//] uma professora que estuda lá na escola da Cida achou uma [/] uma lagarta (...) que essa lagarta <já fez o casulo> [!] lá na nossa sala (.)</p>
<p>7 anos e 1 mês: o cachorrinho começou a lamber o meu menininho porque ele que tinha pegado o cachorro .</p>	<p>7 anos e 1 mês: INV: onde é que (es)tavam essas três cadeiras que tu desenhaste [: desenhaste] [>] . CHI: (es)tavam fora /<] eu já tinha chorado [>]</p>		
<p>7 anos e 3 meses: aí depois o cachorro [//] o gato e o cachorro acabaram na briga e daí chegou o passarinho e deu comidinha pro filhinho [!] ele tinha saído <pra comprar> [/] pra comprar comidinha .</p>			
<p>7 anos e 5 meses CHI: um dia quando eu (es)tava no grupo quatro né@i eu [/] eu tive que enfaixar todo o meu braço porque tinha caído (.) quando [/] quando eu (es)tava nas férias tinha caído uma janela [!] em mim</p>			

Rodrigo

Pretérito	“Já” + pretérito	“Ainda não” +	“Já” + pretérito
-----------	------------------	---------------	------------------

mais-que-perfeito composto	mais-que-perfeito composto	pretérito mais-que-perfeito composto	perfeito
<p>5 anos e 10 meses: INV: e tu notou [: notaste] alguma diferença da outra vez que tu foi [: foste] pra agora ? CHI: ah sim ele disse que não tinha mudado e agora mudou</p>	<p>7 anos e 7 meses: que ele já tinha esquecido a espada daí [/] daí [/] daí o irmão do [//] ele esqueceu da espada dele daí ele pediu pro Artur ir buscar</p>		
<p>6 anos e 7 meses: CHI: +, não eu fiquei tentando impedir só que daí ele foi e pegou o lugar +... INV: hmn@i . CHI: +, ele tinha me derrubado no chão</p>			
<p>6 anos e 7 meses: só por causa de um lugar que eu (es)tava primeiro (.) e [/] e eu tinha pegado primeiro <num [: em um]> [//] um lugar de pular corda daí</p>			
<p>7 anos e 7 meses: só o rei poderia retirar daí quando é que tinha nascido o irmão dele que se chamava Sam ele disse que ele ia pro torneio pro primeiro torneio e depois o prêmio do torneio era a coroa</p>			

APÊNDICE C - Ocorrências de *Perfect* Experiencial**Alexandra**

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
	<p>8 anos e 4 meses: INV: tu disseste pra mim que aquele monte de livro(s) (.) <que (es)tá lá em cima> [>] .</p> <p>CHI: <eu <i>já tinha lido</i>></p>

Camila

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
	<p>8 anos: INV: já tinha [: tinhas] ido no aeroporto ?</p> <p>CHI: no aeroporto eu <i>já tinha ido</i> com o meu tio</p>

Carmela

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
<p>7 anos e 7 meses: a gente ia passar lá pra pegar a minha prima (en)tão [/] é que <i>tinha dado</i> uma confusão por causa que a minha vó tinha ligado lá pra casa pra gente ir pra Sogipa brincar..</p>	<p>7 anos e 7 meses: INV: ãhn@i o seguinte tu contas pra mim uma história que tu andou [: andaste] lendo num [: em um] livrinho [>] .</p> <p>CHI: <posso te> [<] contar uma história que eu <i>já tinha te contado</i> não sei quando não sei se tu se lembra [: lembrás]</p>

Gabriel

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
<p>6 anos e 5 meses: CHI: eu (es)tou fazendo direito (.) o que que é pra fazer mesmo &=riso ?</p> <p>INV: ah mas tem [/] tem [: tens] que ler .</p> <p>CHI: ah que que eu <i>tinha contado mesmo</i> a [/] a <não não> [/] não ?</p>	

<p>6 anos e 7 meses: <a meu> [//] a minha irmã tinha me contado uma história dum [: de um] casamento que ia ficar ãhn@i eu te amo né@i daí agora eu me esqueci</p>	
<p>9 anos: CHI: daí eu fui dormir no colchão <e ele> [//] é que tinha a minha irmazinha a Bianca tinha dormido na minha cama</p>	
<p>8 anos e 6 meses: CHI: +" <ah eu fui> [//] ah vocês conhecem um anjinho +... CHI: não sei o que daí . INV: anjinho ? .CHI: é um lá (.) daí ela disse que tinha ido um anjinho pequenininho assim daí ela disse que tinha ido lá pra biblioteca lá daí lá na Projeto né@i daí tinha uma gaveta lá ela abriu a gaveta e (es)tava um anjinho lá ela tinha dito né@i ?</p>	

Matheus - não há ocorrências de PEx

Natalia

Pretérito mais-que-perfeito composto	“Já” + pretérito mais-que-perfeito composto
<p>7 anos e 3 meses: CHI: aí (.) o Simba já sabia que era ele que ia ser rei [//] aí [/] aí [/] aí eles deram muita coisa contra ela daí [//] (.) aí <o Simba> [/] (.) o Simba não tinha gostado por que ele não entendeu (.)</p>	
<p>08 anos e 10 meses: eu tinha viajado pra Bombinhas (.) aí depois eu fiquei uns dias em Bombinhas e [/] e era pra eu ir daqui direto daqui de Porto Alegre</p>	
<p>8 anos e 10 meses: aí ele avisou o Caio que tinha dormido no hospital daí ligaram lá pra casa</p>	

Rodrigo - não há ocorrências de PEx